

BOLETIM
Formação em Psicanálise

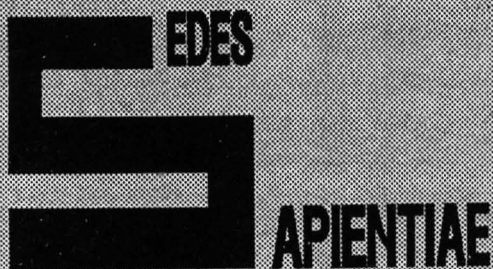
Ano I
Volume III
Agosto/Setembro
1992

INSTITUTO SEDES SAPIENTIAE
BIBLIOTECA MADRE CRISTINA

09 OUT 2003

TOMBO Nº 2199

242



BOLETIM

FORMAÇÃO EM PSICANÁLISE

ANO I
VOLUME III
AGO/SET

1992

I EDITORIAL:

II INFORMES:

Cotidiano: Pg. 1

Curso: Pg. 2 122

SUBCOMISSÕES Pg. 2

EVENTOS Pg. 2

PUBLICAÇÕES Pg. 2

Atividades: Pg. 2

Leituras:

O ESPAÇO DO AUTOR E A
INSTITUIÇÃO Pg. 2

Suzana Alves Viana

A HISTÓRIA DA PSICANÁLISE NA
FRANÇA Pg. 4

Elisabeth Roudinesco

Resenhada por : Solange Silva
Barbosa

III ARTIGOS:

A PALAVRA IN-SENSATA; O
ESTRANHO E AS FORMAS LÓGICAS
DO CONHECIMENTO AFETIVO Pg. 7

Eliane Fonseca

NARCISISMO; DO MITO... À PAIXÃO
Pg. 12

Clarice F. M. Assumpção

INSTITUTO SEDES SAPIENTIAE
BIBLIOTECA MADRE CRISTINA
RUA MINISTRO DE OLIVEIRA, 1424
05015-900 - SÃO PAULO - SP

EXPEDIENTE

Capa: Vicente Silvio Nogueira

**Secretariado e Digitação : Célia Maria Dória Frascá
Scorvo e Elizabeth de Cassia S. Ferreira.**

**Queremos desde já agradecer ao SEDES SAPIENTIAE
e equipe pelo zelo e dedicação a nós dispensado, sem o
qual este não seria possível.**

COMISSÃO EDITORIAL

Arthur Filhou José

Claudia Paula Leicand

Ede De Oliveira Silva

Emir Tomazelli

Fernanda Pinto Freire

Maria Luiza Scrosoppi Persicano.

Projeto gráfico e diagramação: Plínio Sousa

- CPD - SEDES

I - EDITORIAL

"A Mitologia e a arte, através de símbolos, se aproximam muito do mundo real. Eles também são criados, mas a interpretação de seu significação procura um tipo de conhecimento diferente do conhecimento objetivo que procede da consciência do ato de construir.

"Verum Ipsum Factum

Assim como a verdade de Deus é o que Deus chega a conhecer ao criá-lo e organizá-lo, a verdade humana é o que o homem chega a conhecer ao construí-lo, formando-o por suas ações.

Por isso a ciência é o conhecimento das origens, das formas e a maneira em que foram feitas as coisas".

(Giambattista Vico, 1710)

Construção lenta, minuciosa, cuidadosa.

Construção feita a cada passo, por cada um de nós - ao escrever, ao assinar, ao ler, ao discutir, ao organizar, ao aprender, ao ensinar.

Boletim como ato, como mais um exercício vivo de nossa ciência - A Psicanálise.

Psicanálise ... ciência? verdade? Quais são as verdades psicanalíticas? A grande verdade psicanalítica é justamente a possibilidade a que a psicanálise aponta, de verdades múltiplas, dinâmicas, vivas, que se desvelam à medida de nosso fazer, dos atos analíticos.

Tarefa impossível? Da impossibilidade de terminá-la, vem o seu fascínio.

Assim chegamos ao 3º número do Boletim. O Boletim como um lugar de fazer constante, de exercício de escuta, de fala, de ética.

É este o nosso ofício, a responsabilidade de nossa comunidade e nossa tarefa.

Comissão Editorial

II - INFORMES

Cotidiano:

O Curso Formação em Psicanálise retomou suas atividades no segundo semestre deste ano com a palestra de Antonio Muniz de Resende, dia 24/09/92, "Gratidão e Recordação: Melanie Klein e Heidegger acontecimento que se caracterizou pelo interesse e participação ativa de conferencista e público, despertando, inclusive, motivação de ambas as partes para um retorno breve do conferencista para aprofundar conosco os temas levantados.

Neste semestre, temos informação de que já está em andamento o grupo de estudos de Susana Alves Viana, "Da Contratransferência à Contra-Transferência". Encontram-se abertas ainda inscrições para este grupo e para os outros grupos de estudo divulgados no Boletim anterior: "Terapia Familiar Sistêmica", "O Freud de Lacan", "Fundamentos de Linguagem no Ato da Interpretação e na Praxis Analítica".

Quanto ao encerramento do primeiro semestre, o mês de junho contou com as apresentações de Gilberto Safra e de Eliane M.A. Fonseca. Gilberto Safra, em seu trabalho "Momentos Mutativos no decorrer do processo psicanalítico - uma perspectiva Winnicottiana" despertou nossa atenção para D.W. Winnicott, há bom tempo esquecido nos estudos e debates de nosso círculo psicanalítico e que a equipe Kleiniana do 3º ano do curso pretende recuperar em definitivo.

Eliane M.A. Fonseca, em seu tema, "A palavra in-sensata: o estranho e as formas lógicas do conhecimento afetivo" apresentou as idéias inovadoras de sua tese de mestrado, revelando sensibilidade e sabedoria ao levantar questões do símbolo literário e suas relações com a psicanálise. O texto deste trabalho encontra-se publicado neste boletim, à página nº. 7.

Curso:

SUB-COMISSÕES:

EVENTOS:

A Sub-Comissão de Eventos continua promovendo palestras, conferências, seminários e grupos de estudos e mantém contato direto com os participantes de nosso grupo Formação em Psicanálise através de carta-comunicado mensal, enviado ao domicílio por correio. Na última carta-comunicado a comissão de eventos estabeleceu para cada um de nós participantes uma pessoa-contato, membro da comissão. Se alguém de seu conhecimento mostrar interesse em receber a carta-comunicado e só dirigí-lo a qualquer dos membros da comissão de eventos ou pessoa-contato.

PUBLICAÇÃO:

A comissão de Publicação ganhou dois novos membros participantes Arthur Filhou José e Fernanda Pinto Freire.

O colega Emir Tomazelli licenciou-se a pedido, para trabalhar no projeto de sua tese de mestrado.

Esta comissão continua aceitando trabalhos e comentários para os últimos números de 1992. Se alguém de seu conhecimento mostrar interesse em comprar ou assinar este Boletim, lembre-se a assinatura é aberta a quem desejar. Reafirmamos que assinaturas podem ser feitas diretamente na secretaria de Cursos com Beth, Célia e Christina - ou pelo correio no endereço, Rua Ministro Godoi, 1484 - sala 24 - CEP:- 05015/001 - So Paulo -SP.

O Boletim nº4 será distribuído em novembro de 1992.

Atividades:

A - CONFERÊNCIAS

Dia 08 de setembro (3ª Feira)

Dra. Heloisa ÓPice

"Adolescência em Winnicott".

Dia 22 de setembro (3ª Feira)

Dra. Felícia Knobloch

" Ferenczi"

Preço de cada evento : CR\$ 10.000,00

B- SEMINÁRIOS

" Terapia Familiar Sistêmica", sob a coordenação de Marília de Freitas Pereira e Clelia G. Maia. Os seminários acontecerão no Sedes, nas seguintes datas:

Agosto - 18

Setembro - 01, 15 e 29.

Outubro - 06, 20.

Novembro - 10, 24.

Inscrições com Didi, pelo telefone:- 813.5069.

Leituras:

O ESPAÇO DO AUTOR E A INSTITUIÇÃO

Suzana Alves Viana

Professora do Curso de Formação em Psicanálise.

Este trabalho, que ora apresento, foi escrito há dois anos para um encontro entre psicanalistas que iriam abordar o tema O Espaço do Autor e a Instituição; esse encontro acontecia no Centro de Estudos de Psicanálise e Psicoterapia Psicanalítica (CEPSI).

De lá para cá a instituição, enquanto lugar físico e geográfico, não mudou, mas mudou enquanto nome: hoje chama-se Formação em Psicanálise.

Entretanto, relendo este trabalho percebo que ele está atualizado. Como é possível?

Penso que a resposta está no fato de ter abordado a instituição, enquanto objeto interno do psicanalista, o qual tanto pode ajudá-lo a

mudar o nome da instituição, mudando seu sentido, como poderá fazer dela um espaço congelado frente ao qual a mudança de nome soa apenas como psitacismo ou ecolalia.

Quando me inclinei a pensar o tema que motivou aquele encontro, logo me ocorreu que a primeira instituição com a qual o autor se depara é a própria.

Este pensamento não era e não é fruto do acaso: aos poucos o percebi repetição e insistência do tema do qual me tenho ocupado: a *contratransferência*, tomada aqui na perspectiva da angústia transferencial do analista, e a possibilidade (ou não) de transcendê-la num ato criativo - o da interpretação ou da criação de uma linguagem para o analista.

Assim pude me aperceber do contexto ao qual me remetia a questão do espaço do autor e a instituição; ou seja, para mim o problema da relação entre o criativo e o que lhe resiste.

Tomando esta relação como o campo deste trabalho inscrevo-me, num primeiro momento, dentro de uma oposição entre o autor e instituição; oposição radical porque está impregnada da paixão que caracteriza a relação transferencial que vamos sempre encontrar como motor dessa oposição: a paixão transferencial narcísica.

Oposição necessária, nesse primeiro momento para que se possa constituir um autor, processo no qual um *ninguém* trava lutas consigo mesmo (com sua instituição) para se fazer emergir como um *alguém* - um autor - para se fazer transcender no texto que, ao mesmo tempo que lhe dá origem, o desfaz como ponto de fusão narcísica consigo próprio.

Ou seja, a obra de criação pela qual um *ninguém* se faz autor traz atrelada a si esta ambiguidade: eleita como forma de superação da mesmice e do repetitivo, seja nas formas ou nas idéias frescas, espontâneas e saborosas, engendra simultaneamente o fenômeno do duplo que anuncia a repetição daquilo do qual se quis afastar.

O duplo trabalhado por Freud em seus artigo *O Sinistro* é produto da procura narcísica da imortalidade, mas termina por se transformar na imagem da morte, provocando o sentimento da inquietante estranheza.

O fenômeno do duplo permite ler como num espelho todo o terror da incompletude, do finito, da morte, ao mesmo tempo que a tentativa de dissimulá-lo.

O trabalho criativo é a meu ver a forma de superação e não de negação, daquilo que é a instituição da fantasia de completude e de perfeição.

O contato do autor com sua obra acabada é, por um lado, o contato com o sentimento efêmero de completude narcísica e, por outro lado, o contato com uma obra que sendo dele, já não lhe pertence, o exterioriza e assim tira o véu de uma intimidade, põe a nu aquilo que ele - autor - não sabe explicar, mas que lhe provoca este efeito: o da inquietante estranheza; aquilo que deveria permanecer no escuro, vem à luz do dia, ingressa no social, no cultural, marcando para sempre o autor que para sê-lo é obrigado a renunciar a intimidade que o sonho garante.

Dentro do campo da Psicanálise Fédida articulou o sentimento de angústia transferencial do analista com a inquietante estranheza, entendendo-a como produto do retorno sobre o analista de aspectos que ele teria transferido sobre seu paciente.

Portanto, o social na análise corresponde a esse momento em que o analista exterioriza-se a seu paciente quando fala. E eu diria que seu trabalho de autor é então o de procurar uma linguagem para esta sensação inquietante que tal como na obra de arte permite de um lado a ultrapassagem do sentimento paralisante de angústia e, por outro lado, traz em si, marcado nesta linguagem, o sinal da dor que lhe deu origem: a dor da incompletude. Para chegar a isto o autor - quando pode sê-lo - terá desenvolvido uma outra relação com a instituição que lhe é própria: não mais de oposição ou de intimidação, mas de intimidade e até de cumplicidade. Terá desenvolvido um

espaço interno onde ele - autor - é antes de tudo um interlocutor, aquele com quem conversa sobre a obra que vai construindo.

O sinal desta capacidade amorosa é a inventividade e a criatividade que lhe é dado ter quando mergulha na disciplina repetitiva de enfrentar o *em si mesmo* - o que não muda e nem se transforma - lugar onde as palavras ecoam como se fossem as mesmas palavras que habitam os mesmos lugares para os ouvidos de sempre.

Este lugar procura arrastar o autor para a esterilidade, para o único lugar que lhe resta - o de ator - não do trágico e do épico, mas o ator da telenovela que repete o mesmo enredo por mais que o padrão globo se sofistique.

O ator do trágico, eu diria, é autor porque ao contar a história épica ele ocupa o lugar do narrador e ao ocupá-lo constrói a história: um ato inédito tem origem, em outras palavras, um ato de linguagem ou uma obra de arte.

O lado funesto do impedimento do processo criativo é justamente quando ocorre a institucionalização da completude, quando esta torna a lei em burocracia e assim desenvolve contra o autor um esmagamento sutil, de lenta violência, quase imperceptível. A condição de liberdade - o vôo livre - está dissimuladamente impedida na exigência de que ele - autor - alcance o objetivo final não explicitado, mas que corresponde ao desejo de morte da instituição sobre o autor. Enfim, quando prevalece o narcisismo.

Mas quando se pode ainda ser autor é porque a instituição pode ser contexto.

E, diria mais, pode ser um lugar de geração de autores que reconhecem no ato criativo a forma de eludir a instituição, quando esta pretende se fixar como lugar de auto-conservação e não de auto-erotismo.

HISTÓRIA DA PSICANÁLISE NA FRANÇA

- A BATALHA DO CEM ANOS

VOLUME I - 1885 - 1939

VOLUME II - 1925 - 1985

AUTORA: ELISABETH ROUDINESCO

EDITORA: JORGE ZAHAR EDITOR

Resenhado por: Solange Silva Barbosa.

Elisabeth Roudinesco, com formação psicanalítica e literária, cuja mãe é psicanalista, escreve a história da implantação e desenvolvimento da psicanálise na França num período de cem anos, de 1885 à 1985, tendo como referência a visita de Freud a Charcot em 1885, e a morte de Lacan em 1981.

No primeiro volume expõe a história da psicanálise entre 1885 à 1939, incluindo a descoberta da histeria, o movimento psicanalítico internacional, a psicanálise sendo introduzida em território francês e a primeira geração de psicanalistas franceses.

Inicia retratando a França do final do século XIX, a pré história da psicanálise e da psicoterapia, desde os primeiros estudos sobre a histeria, a magia, o magnetismo, a noção de influência, de telepatia, hipnose até a descoberta por Freud do inconsciente e da transferência.

Sua obra é extensa e detalhada. Os conceitos teóricos que vão surgindo ao longo da história, são descritos, discutidos e com indicações bibliográficas, constituindo um livro para conhecer alguns conceitos e de referência para ampliar conhecimentos. Seu relato é vivo e interessante na medida em que entremeia a história com a devida caracterização das personalidades apresentadas, o contexto sócio-político-cultural, as teorias literárias e filosóficas ilustrando o pensamento vigente na época. Mantém esse estilo de narrativa ao

longo de toda sua obra permitindo uma visão ampla das idéias desenvolvidas.

Por exemplo, quando descreve a pré-história da psicanálise inclui uma síntese da obra literária de Guy de Maupassant, do final do século XIX, com comentários da crítica da época. A respeito de seu livro "Le Horla" ela diz: "... Le Horla não é coisa na literatura, senão a história da descoberta do inconsciente. Não o inconsciente dos psicólogos ou dos alienistas, nem o subconsciente dos magnetizadores; não um "lugar-tenente" da consciência, mas um "não-conhecido", situado ali e alhures, uma outra cena, negativa, interna ao pensamento".

No capítulo intitulado "Movimento Psicanalítico Internacional" inclui a história da psicanálise já descrita por Ernest Jones, isto é, a partir de Freud em Viena, com seus discípulos, a criação da IPA (International Psycho-analytical Association), que agrupa sociedades de psicanálise internacionalmente. Acrescenta sua visão e expõe as dificuldades encontradas na aceitação da teoria freudiana, do conceito de sexualidade, os ideais da pedagogia e da religião, a visão organicista de doença mental, assim como os riscos de charlatanismo e da versão espiritualista.

A autora se propõe a escrever a história da psicanálise interpretando-a psicanaliticamente. Por exemplo, coloca um subtítulo "Um Mestre sem Mando" para se referir à política de Freud e as modalidades de poder dentro do movimento psicanalítico. Uma de suas interpretações se referindo a Freud e seus discípulos: "Freud sempre esteve convencido de duas coisas contraditórias, que são reencontradas na política do movimento psicanalítico. De um lado, achava que sua condição de judeu o havia ajudado em seu combate, permitindo-lhe reatar com o tema espinosista do não-conformismo às tiranias do saber dominante; do outro, afirmava incessantemente que a psicanálise devia livrar-se de seu judaísmo para se fazer reconhecer pela ciência. Essa atitude ambivalente explica o surgimento de uma "mística judaica" no seio do comitê. A

religiosidade recalcada de Freud, exacerbada pelo rompimento com Jung, retornou numa política que tendeu a transformar o movimento em seita. Com a guerra, os temas da "união sagrada" e da "pátria em perigo" vieram reforçar os ideais de um judaísmo perseguido e voltado para o gueto. Enquanto a Europa se transformava num campo de batalha, a psicanálise brandia seu estandarte glorioso". Mais adiante: "Freud desejava simultaneamente duas coisas contraditórias: permanecer como mestre "descentrado" (semita, judeu, revoltado, etc.) e tornar-se um soberano capaz de conquistar uma nova cultura: grega, estranha ao judaísmo, e talvez "superior". - Uma parte de sua interpretação aqui citada não permite uma visão completa de suas idéias neste capítulo, servindo apenas como ilustração do seu estilo.

Se suas interpretações podem ser questionáveis em algum momento, são também denunciadoras de questões importantes para serem pensadas ou repensadas.

Uma questão importante que discute é a transferência diferenciando a Psicologia da Psicanálise, onde as teorias psicológicas e suas técnicas de cura, dando primazia à consciência sobre o inconsciente impossibilita de situar a transferência em sua dimensão simbólica. Sem a elucidação da transferência permanece a idéia de um ego desembaraçado do id e uma visão ortopédica de tratamento.

Um exemplo de sua narrativa integrativa-integradora do contexto cultural vemos nesta citação sobre as reuniões de quarta-feira na casa de Freud: "Em 1902, os homens da quarta-feira formavam um grupo heterogêneo, composto de médicos, educadores e escritores. Eram ligados por uma insatisfação comum frente à psiquiatria, às ciências humanas e à educação. Representavam uma amostra bastante fiel da intelectualidade européia do início do século. Nessa época, as idéias de Charcot e as da Escola de Nancy estavam se difundindo na opinião pública. Na Alemanha, Kraepelin dotara a psiquiatria de uma nova nosologia, Nietzsche desenvolvera uma moral que levava em conta a loucura, o

sexo e as angústias, e Wundt exercia uma influência preponderante sobre a psicologia. O darwinismo atuava de diversas maneiras no pensamento científico, enquanto os movimentos culturais e literários de vanguarda começavam a cantar louvores ao novo século da eletricidade. Na prática, o socialismo era uma idéia nova que agitava todos os espíritos. Em cada reunião eles comentavam textos, falavam de seus casos ou trocavam hipóteses teóricas, mas discutiam também seus próprios problemas, seus fracassos e suas questões sexuais".

Na descrição da introdução da psicanálise em território francês, intitula um capítulo "Inconsciente à francesa" retratando o contexto cultural francês com a presença da Psicologia de Janet, a filosofia de Bergson, a psiquiatria organicista servindo de filtro para a compreensão da teoria freudiana. A resistência à teoria de Freud observada pela demora das traduções, o livro sobre Chistes por exemplo foi traduzido 25 anos depois de sua primeira publicação, a concepção organicista da sexualidade não diferenciando o plano físico do psíquico, o chauvinismo, os conflitos teóricos, as dificuldades na tradução dos conceitos. Muito interessante para pensar nas incompreensões e resistências à teoria psicanalítica.

O primeiro volume encerra com a aventura da primeira geração de psicanalistas franceses, a fundação da Sociedade Psicanalítica de Paris (1926), com a presença atuante de Marie Bonaparte. O Grupo de Evolution Psychiatrique, de psiquiatria dinâmica se iniciando, do qual Henry é a figura mais proeminente. Assim como introduz o corpo conceitual de Lacan que será desenvolvido no segundo volume.

O segundo volume abrange os anos de 1925 à 1985. Devido à continuidade histórica determinados temas se repetem e se desenvolvem neste volume. A implantação da psicanálise na França é reapresentada enfocando um novo ângulo. Com o capítulo "O surrealismo à serviço da Psicanálise" mostra o freudismo sendo introduzido de forma não

oficial pelos escritores, poetas e artistas paralelamente à introdução via medicina. Nos anos vinte Freud está no auge em Paris, o meio literário tenta captar a modernidade no interior da descoberta freudiana. A psicanálise sendo de interesse para os filósofos para a reflexão sobre a condição do homem e sua liberdade.

A trajetória de Lacan e sua teoria é descrita com riqueza de detalhes, presente do início ao fim do volume, desde sua juventude até sua morte, constituindo-se sua primeira biografia. Desde seus primeiros mestres e suas primeiras teorias, o desenvolvimento de sua teoria até sua maturidade, as filosóficas e seus principais conceitos com referência bibliográfica.

Por exemplo, apresenta Henri Wallon, suas principais idéias e resume seu texto sobre a prova do espelho, mostrando a origem da elaboração de dois conceitos lacanianos fundamentais, "O Imaginário e o Simbólico". Na prova do espelho, Wallon descreve a psicogênese do corpo próprio e da unidade do eu, onde compara as reações dos animais com as crianças constatando posturas diferentes de acordo com a idade. Uma parte do texto: "Por volta de um ano, um novo passo é possibilitado no agenciamento do simbólico. Wallon instala uma menina vaidosa diante do espelho. Ela admira graciosamente o chapéu florido que traz na cabeça; o reflexo é agora vivenciado como um verdadeiro sistema de referências que permite orientar os gestos em direção às particularidades do corpo. Esse reflexo permanece exterior ao outro sistema de imagens pelo qual a criança identifica seu corpo e seu eu num espaço abstrato. A capacidade de estabelecer distinções no espaço define a função simbólica, e esta inaugura o campo para uma verdadeira aprendizagem da realidade subjetiva e objetiva. Nesse estágio, a criança já não se contenta, como no décimo mês, em estabelecer uma relação entre a imagem refletida e a imagem real. Ela reproduz a experiência do sexto mês num outro registro: em vez de separar radicalmente o reflexo e a pessoa real, reconhece a existência de uma dualidade entre ambos; apercebe-se de que um está subordinado à outra e, desse modo, acede a

uma espécie de compreensão simbólica desse espaço imaginário em que se forjou seu eu. Aos quinze meses, a prova do espelho assume uma nova feição. Solicitada a mostrar sua mãe, a criança a designa primeiramente no espelho, e depois se volta para ela sorrindo. Indica, dessa maneira, que domina a dualidade anteriormente reconhecida. Brinca com sua existência: "Maliciosamente", escreve Wallon, "ela finge atribuir a preponderância à imagem, precisamente porque acaba de reconhecer claramente nesta a irreabilidade e o caráter puramente simbólico".

Todo o desenvolvimento histórico e político da teoria lacaniana é narrado pela autora. A personalidade de Lacan, seu afastamento da Sociedade Francesa de Psicanálise devido à rejeição da IPA a sua atividade de analista didata por não se sujeitar aos critérios desta, depoimentos de seus pacientes, a conseqüente separação da teoria lacaniana e a fundação de sua própria escola, Escola Freudiana de Paris. A expansão de sua teoria, o lacanismo na Igreja Católica, a dissolução de sua escola e a situação atual.

A extensão de sua obra proporciona uma excelente visão destes cem anos. Podemos ver a relação da psicanálise com o movimento comunista dando origem ao Freud-Marxismo. A situação da psicanálise na então chamada União Soviética com o Pavlovismo. A situação da psicanálise na Alemanha sob domínio do III Reich. Os tempos de ocupação nazista na França. A expansão da psicanálise nos Estados Unidos e as correntes teóricas do Culturalismo, a psicossomática de Franz Alexander e a Psicologia do Ego. A questão da Psicologia do Ego como uma teoria que privilegia o ego em detrimento do inconsciente numa versão adaptativa da psicanálise. A Sociedade Britânica e suas correntes Anna-freudiana, Middle Group e Kleiniana são apenas citadas e não discutidas pela autora. A psicanálise nos meados do século na França, as cisões das escolas francesas são detalhadamente descritas, com todas as questões que promoveram as cisões, problemas institucionais e políticos, onde os psicanalistas mais proeminentes são

apresentados, até a situação atual com as escolas existentes. O estruturalismo, a psicanálise na universidade, na literatura e na filosofia atualmente, o anti-humanismo teórico de Louis Althusser e a desconstrução de Jacques Derrida.

Enfim, a leitura desta obra de Elisabeth Roudinesco é uma grande aventura com muitas curiosidades, vou citar apenas uma que encontrei. Trata-se da existência de um livro que eu desconhecia: "The Wolfman By the Wolfman" (O Homem dos Lobos pelo Homem dos Lobos) sob a responsabilidade de Muriel Gardiner, que narra o itinerário psicanalítico de Sergei Constantivovitch Pankerjeft, o homem dos lobos, inicialmente analisado por Freud e, depois, por Ruth Mack-Brunswick e Muriel Gardiner, o único dos pacientes famosos de Freud a escrever suas memórias e a comentar sua análise à posteriori. Esse é meu convite para você fazer suas descobertas.

III - ARTIGOS

A PALAVRA IN-SENSATA: O ESTRANHO E AS FORMAS LÓGICAS DO CONHECIMENTO AFETIVO.

Eliane Fonseca

Convidada pelo grupo Formação em Psicanálise, apresento-lhes, hoje, um recorte do meu trabalho. A PALAVRA IN-SENSATA: POESIA E PSICANÁLISE. Trata-se de minha dissertação de mestrado, defendida no dia 11 de junho, deste ano. Este trabalho é uma síntese de um momento de minha formação e, como a formação não é isolada da vida, é uma das sínteses de um momento de vida. Momento em que pensei em quais seriam as semelhanças e as diferenças que podem ser encontradas entre as duas práticas que exerço: a escrita literária e a escuta analítica. Ambas são formas não discursivas, organizando-se, portanto, nos

moldes das partituras musicais e não nos moldes da linguagem discursiva.

Não sendo possível lhes apresentar esse trabalho por inteiro, pensei em como poderia lhes dar melhor uma idéia do que ele trata. Meu ponto de partida, nele, é o assunto do estranhamento. Ao longo do meu ensaio, vou buscando o estranho sob diferentes ângulos, a partir da criação de uma área experimental entre a estética e a psicanálise, utilizando-me sempre de autores de um campo e de outro.

À medida que tentava me organizar para esta apresentação reconhecia em mim um sentimento de insatisfação, uma espécie de incapacidade irritante. Até que descobri que me encontrava ainda sob o impacto de uma vivência de estranhamento: o estranho que veio a ser a defesa desse trabalho. Na verdade não me encontrei diante de juízes, mas frente a frente a intersessores, no dizer de Sueli Rolnik. Assim, meus *intersessores* naquele dia 11 de junho, foram: a Dra. Lúcia Santaella, minha orientadora, o Dr. Fernando Segolim (ambos do curso de Pós- Graduação de Comunicação e Semiótica, da PUC-SP), e a Dra. Sueli Rolnik, (do curso de Pós- Graduação de Psicologia Clínica, da PUC-SP). A partir da descoberta de que me encontrava ainda impactada pela vivência do acontecimento, descobri que, talvez, a melhor maneira de chegar até vocês, seria a partir de compreendermos, juntos, o estranhamento, em primeiro lugar, enquanto vivência. No entanto, para que assim o fizesse, enfrentaria um paradoxo: aquele de me distanciar de meu trabalho o suficiente para falar dele, enquanto terceiro. Reconheço que falar da Palavra In-Sensata enquanto terceiro, só foi possível, a partir da escuta de meus intersessores, na banca de defesa dessa dissertação. Esta escuta autorizada pela instituição me reconheceu e ao meu trabalho e, assim, me autorizou como um indivíduo pensante. Precisamos todos de intersessores. Foi o que Freud encontrou em Fliess, uma escuta, um reconhecimento e assim, uma autorização. Foi o que Ferdinand de Saussure não encontrou, quanto a seus encontros anagramáticos, e por isso, esses ficaram

escondidos na biblioteca de Genebra até serem descobertos por Jean Starobinski, apenas em 1964. E foi ainda o que Ernest Fenollosa não encontrou, o que fez com que suas geniais descobertas acerca do valor do ideograma para a composição da poesia, tanto oriental como ocidental, fossem tidas por muitos, como frutos de uma excentricidade. A partir de um reconhecimento que pode vir de outras fontes e de outras maneiras, não necessariamente através de uma defesa de mestrado, sem que possamos jamais dispensar a escuta do terceiro, passamos no entanto, em alguns momentos, a sermos terceiros para nós mesmos.

Abro um parêntese para tentar definir, para nós, como compreendo o que Sueli Rolnik considera um intercessor: pessoas, livros e/ou acontecimentos que interferem significativamente num processo que estamos vivendo, lhe dando continuidade. Reservava para mim mesma o termo catalisador, para pessoas, livros, acontecimentos que apressam por assim dizer, nossos processos. E os modificam. Sueli refere-se ao processual, um processual que pode escapar à consciência, pois encontrar-se-ia no devir. Mas essas são coisas para ver mais tarde, e não aqui.

Pensemos agora, no que é a vivência do estranhamento, ou o estranhamento enquanto vivência. Se o estranhamento é vivência, é da ordem do afetivo. Trata-se de uma outra ordem que não a intelectual. Uma ordem que pode e deve ser reconhecida em suas peculiaridades, em suas diferenças, em sua positividade, e não apenas em sua negatividade, ou seja, naquilo que ela não é. Se assim fizermos, fica possível escaparmos de modelos que trabalham com polaridades. Modelos que até subvertem o linear, mas que ainda tem o linear no horizonte. Ora, subverter um modelo é um jeito de confirmá-lo, referir-se à sua existência de modelo. Deixar as polaridades nos permite reconhecer as diferenças entre as formas discursivas e as não discursivas, autônomas, por um lado, mas interdependentes, por outro.

Na linha do estranhamento enquanto uma vivência, lembrei-me de dois acontecimentos que se deram comigo mesma, com a diferença

de poucos dias entre eles. Estava escrevendo, e meu lugar físico era uma escrivaninha diante de uma janela.

A uma dada hora, senti-me olhada, sem saber de onde vinha o olhar; a minha frente? A minhas costas? Arrepiando-me inteira, tive muito medo. A casa estava silenciosa, era noite avançada. Foi numa fração de segundos que me dei conta, o olhar que me fitava era muito mau. Fixava-se em mim, com um brilho sinistro. Vi-me frente a frente com ele, e no susto, gritei. O grito quebrou uma aparência, me deixando ver que, o olhar que me fitava, insistente, partia de meu próprio vulto refletido na vidraça. Fiquei surpreendida de que tivesse sentido meu próprio olhar como mau, sinistro.

Uns dias depois, estava eu no mesmo lugar, também escrevendo, distraída das coisas do mundo, que é o que nos acontece quando nos voltamos para este outro lugar que não é o das coisas práticas. E de novo me senti olhada. Apoiada na experiência recente, não senti medo: sou eu de novo, refletida na janela, pensei. Medo afastado, olhei com curiosidade para aquela outra dimensão de meu rosto, instigada por suas qualidades. Qualidades essas, distintas de quando olho meu rosto refletido num espelho comportado, que está ali a meu serviço, com a função de me devolver uma imagem. Embora não possamos confiar no bom comportamento dos espelhos. Alguns os temem sobremaneira, como foi o caso de J.L.Borges, que chegou a confessar que ao se lembrar da existência dos espelhos, dava graças por estar cego. Também não se pode confiar nas confissões, des-confissões, de Borges, diga-se de passagem. Mas o espelho da vidraça era uma superfície por demais in-sensata. Adentrando-me nela, apercebendo-me de tantas qualidades estranhas, nunca pressentidas, ficava mais e mais intrigada. Foquei a vista e foi o suficiente para quebrar a aparência. Para minha surpresa, daquela vez não havia meu rosto refletido, havia a cara amiga do meu cachorro, do lado de lá da janela, olhando meigo, para mim.

Aqueles fatos não se esgotaram ali, pois pensei neles. Por exemplo: por que eu havia

sentido os reflexos de meu próprio olhar na superfície espelhada, como sinistro e os do olhar do cachorro como suave, meigo? Cheguei a uma conclusão: no primeiro episódio senti muito medo. E imagino que o medo, seja mau, pois, assusta. O oriental não diz: você tem raiva de mim. Ele diz: vejo raiva em você. Como não diz, você está com medo, mas, vejo medo em você. Eu vi medo, nos reflexos de meus olhos, e senti o medo refletido, mau.

Trata-se de um outro modo de pensar, de um outro modo de conhecer, o que com Lévi-Strauss podemos chamar de pensamento ou de lógica analógica, ou de pensamento selvagem. Ou com Isaias Melsohn, de forma de percepção e de consciência expressiva. Ou com Susanne Langer, de forma significativa ou de forma do padrão dinâmico do sentir. Na dissertação para o mestrado, tento definir a forma significativa pelo seu positivo, pois, em geral, corremos o risco de defini-la apenas pelo seu negativo, pelo que ela não é. Para tanto é preciso fazer como, por exemplo, Langer faz, separando o termo racional do racional discursivo, e atribuindo ao racional uma abrangência muito maior. O afetivo é pré-reflexivo, mas não é pré-racional. O afetivo, ao contrário do que comumente se pensa, quando se fica confundido com uma subjetividade cientificista, possui uma forma própria de racionalidade. Possui sua forma própria de objetivação. Freud, muitas vezes permanece prisioneiro do fantasma cientificista. E por causa desse fantasma que ele, por exemplo, atribui à ciência a única forma de conhecer.

Fantasma cientificista e platônico, podemos dizer, pois Freud ainda se encontra preso a uma universalidade da verdade, a verdade que mora no inconsciente.

Voltando ao estranhamento, vamos pensá-lo agora, sob um outro ângulo. Tomando Sartre, podemos dizer que a existência precede a essência. Primeiro existimos, experimentamos, depois nos definimos ou definimos o objeto. Os dois episódios foram, um primeiro momento, o existir. O pensar sobre, do momento seguinte, foi a busca de um sentido para eles. O homem é

um ser de sentidos e está sempre na busca dos mesmos. O artista, no seu trabalho, busca recursos para atualizar suas vivências de estranhamento. Busca recursos lógicos para objetivar a forma significativa, forma pela qual se articula o padrão dinâmico do sentir, nos seus ritmos vitais, nas suas intencionalidades. O sentimento busca um objeto, dirige sua intenção a um objeto, mas o busca e o intenciona a sua maneira, que é afetiva. Os impulsos de sentimento, encontram um objeto por meio do qual se articulam e ganham expressão, ganham forma objetivada. Através das formas objetivadas, a subjetivação encontra um sentido. O artista trabalha em duas dimensões: com sua intuição ou sensibilidade, e com o rigor. Pois, o artista trabalha com as regras rigorosas de uma outra semântica, distinta da semântica da linguagem discursiva, mas marcando sua existência Através de princípios próprios que exigem ser respeitados, reconhecidos. O artista não precisa ter passado por todas as vivência de estranhamento que possa criar na sua obra. Pois, as vivências ou sentimentos, para as quais encontra recursos para expressar, são, na obra de arte, vivências e sentimentos virtuais. O poeta não escreve para emocionar o leitor. O sentimento do poeta, ao escrever, é tão virtual quanto um sentimento onírico.

Num sonho, como diz Susanne Langer, o piano, o pianista, a música são virtuais. Se há um eu, um ego observador, no sonho, também será um eu virtual. Para ela o objeto virtual é aquele que existe pela sua aparência. Não se trata de irrealidade, mas de outra sorte de realidade. O arco-iris é um objeto virtual natural. Também as miragens e os espelhos. O poema é um objeto virtual artificial, criado pelo procedimento do poeta, que é feito de quantos artifícios ele puder imaginar, colocando, no entanto, no dizer de nossa poeta, Olga Sarary, sempre, o rigor do verso sobre o ardor da chama. O poema, como o arco-iris, existe num espaço de precariedade, pois existe apenas na sua aparência e pela sua aparência. Vinícius de Moraes bebia o cosmos com canudinho, tomando água de côco, e engolia paixão com cachaça, ao cantar praias e mulheres de

Salvador/Rio de Janeiro. Mas é um cosmos e uma paixão, uma água de côco e uma cachaça virtuais, que ele criou. O personagem de Histórias de Ventania, Pablo Crocodilo entra na madrugada de uma padaria. (Qualquer um de nós pode entrar de madrugada numa padaria, mas, na madrugada de uma padaria, só o Pablo Crocodilo). Um outro, o padre Nilo, que possui a qualidade de um São Francisco, dá benção aos ventos e aos animais, e também ao ponto e à crase. Há uma frase de um terceiro personagem, o Cel. Pedro Orestes Rabelo, referindo-se ao alto da serra da Bocaina, como, na beira da rolha para entrar no céu. Essa frase foi roubada do sonho de um terceiro. Não é de um paciente. Mas o sonho de dona Zica, no qual vê abrir a barriga da Benvinda, a cisne negra que aparece em Ventania, e dela sair animais, como se fosse uma arca de Noé, foi criação inspirada no sonho de um paciente; no sonho do paciente não havia uma cisne gigante, mas uma llama gigante, de cuja barriga saíam lllaminhas. O escritor abstrai formas de suas funções utilitárias, mas apenas para criá-la em outro contexto e dar-lhes outras funções.

No entanto, o analista, com sua escuta, realiza um trabalho bastante semelhante ao do poeta. Para entender o parentesco do analista com o poeta, pensemos em duas obras literárias analisadas por Freud. Uma é o conto de Hoffmann, O homem da Areia. A outra é a novela de Jensen, Gradiva, uma fantasia pompeiana. A primeira análise encontra-se no trabalho de 1919, Das Unheimliche. A segunda, em Sonhos e delírios na Gradiva de Jensen, de 1906/7. Em ambas, há um casal de enamorados. Clara e Natanael, personagens de Hoffmann, e Zoé-Gradiva e Norbert, personagens de Jensen. A escuta de Clara desvirtua o delírio de Natanael, descaracteriza-o, ao introduzir elementos da realidade exterior ao delírio.

Ela apazigua, dá bons conselhos. Dessa forma, Natanael não é escutado, fica só com seu estranhamento, o que o leva a se destruir. Norbert é escutado e se cura. A escuta de Gradiva, ao penetrar no delírio de Norbert, respeitá-lo, escutá-lo, no seu contexto

abrangente, é analítica. A escuta de Clara é a da senso percepção comum.

Se pudermos libertar a palavra delírio de sua conotação médica, patológica, podemos dizer que o escritor vive um delírio quando está escrevendo; apenas, à diferença do psicótico, ele organiza o delírio, na estruturação da obra literária. No entanto, penso que isso não basta para curar o escritor. A dimensão da cura, no meu entender, necessita de uma escuta, a escuta analítica na sua especificidade, a escuta que se encontra no campo transferencial. (Não é possível generalizar ou tomar essas questões como dogmas; penso que pode até haver outros caminhos, penso que a vida em si é terapêutica. Mas a escuta analítica é um bom caminho. O leitor é uma escuta, mas não uma escuta do escritor, enquanto pessoa, é a escuta da obra do escritor.

Nas questões sobre a transferência uma importante intercessora tem sido Suzana Alves Viana).

A função da arte não está em emocionar o leitor, está em libertar uma forma emocional de conceber. A forma emocional de conceber é nosso duplo espiritual. A perda dele nos adoce. Os índios Cunas sabem disso, a sua maneira, segundo a importante versão de Lévi-Strauss, em a Eficácia Simbólica. A função da arte está em libertar o objeto de seu estatuto imaginário, como diz Suelly Rolnik, estatuto de coisa em si, dado a priori, representado na consciência, e devolver o objeto à sua condição de pacote de qualidades, que afetam e são afetadas. Esta é a função da arte, interferir no processo da percepção e, assim, no processo da concepção.

A relação da ciência com o mundo é de ordem técnica. A da arte, é de ordem moral. A ciência possui um saber sobre o objeto. A arte, como a religião, o sonho e o mito, está capacitada por um viver o objeto. O artista busca, através do procedimento estético, colocar em palavras o estranhamento. Isso, através de articulações não discursivas, ou seja, na forma que lhe é própria, o que é a própria forma da arte. O estranho é origem e é a forma

da arte. O estranhamento é uma porta privilegiada para essa outra dimensão, que Langer chama de universo da sensiência, o universo do sentir. A cura analítica, por seu turno, pode ser vista, na sua relação com a arte, como "a passagem para um modo de subjetivação marcado fundamentalmente por esta capacidade, para além do poder devastador dos fantasmas", no dizer de Suelly Rolnik. Essa visão da cura apenas se torna possível, se abstrai a palavra cura de todo e qualquer vestígio de sua origem no campo médico.

As formas discursivas e não discursivas não existem isoladamente, mas se interpenetram, a expressividade encontrando-se sempre presente em qualquer discursividade. O tom da voz, a expressão facial, os gestos, nossos atos, a maneira de nos vestirmos e até a decoração ou luminosidade de um ambiente são expressivos. As duas formas, discursivas e não discursivas, se relacionam com a dimensão temporalidade, embora cada qual, à sua maneira. O tempo da discursividade pode ser visto como o tempo do relógio, um tempo-mecânico/linear. O da expressividade como um tempo-espaço, como um lugar-tempo onde coisas acontecem. Para Melsohn, o tempo da sessão se passa num presente absoluto, que é feito de passado-presente-futuro: o passado está na memória, (para mim, feita de lembranças e esquecimento, mais de esquecimento), o presente encontra-se na percepção e o futuro, na expectativa. Mas trata-se da multiplicidade na unidade.

Tratar de todas essas questões nos levam, assim, à própria noção de temporalidade. Nosso tempo cronológico, ou o do relógio, são tempos mecânico lineares, distintos das pulsações dos ritmos vitais. Na verdade não há, no que diz respeito ao sentimento humano, uma distinção entre tempo e espaço. Há um fluir contínuo, em busca de expressão e de sentido. O sentimento é o instante humano em busca de sentido. É isso, aquilo com o qual nos defrontamos na sessão analítica. A sessão analítica não é um campo de observação. É uma co-vivência entre analista e paciente. Embora não se trate do analista sentir o que o paciente

sente, mas de compreender, conceber o que o paciente sente.

Para Suely Rolnik, "a escolha da arte como paradigma e não da ciência, para viabilizar o acesso a esta outra dimensão e a esse outro modo, é uma escolha que não é meramente especulativa, mas ética: colocar-se à escuta e na elaboração do movimento da criação e não de uma suposta verdade".

Ainda um ponto para discussão: até que ponto o que Suely Rolnik chama de fantasma cientificista não é o fantasma de uma ciência com herança empirista, positivista, centrada num modelo logocêntrico que não mais se sustenta? Para Ernst Cassirer (e o trago através de Isaías Melsohn), para alcançarmos as formas expressivas, precisamos desenvolver recursos que lhe sejam próprios pois, através do linear, elas sempre nos escaparão.

Fechando o recorte desta noite, o poema possui um parentesco com o sonho, como também, com a sessão analítica, embora sejam essas formas significantes diferentes entre si. Uma característica da forma significativa é que ela não pode ser traduzida. Como o poema, o sonho não pode ser traduzido para a linguagem discursiva, como propõe Freud. As questões da tradução por si só são produtos de um modelo racional-linear. Por isso penso, como Isaías Melsohn, que o sonho não é linguagem. Pelo menos, não a linguagem estudada pelos lingüistas.

" NARCISISMO: DO MITO ... À PAIXÃO".

Clarice Ferreira Martins Assumpção

O texto deste artigo faz parte da monografia de 4º ano do Curso de Formação em Psicanálise de 1991. Sua versão original e bibliografia estão à disposição dos interessados com a autora ou com a Comissão Editorial deste Boletim.

" Os mitos são resíduos deformados das fantasias desiderativas de nações inteiras, verdadeiros sonhos seculares da jovem humanidade".

Sigmund Freud in: " A criação poética e a fantasia"

" A experiência maior

Eu antes tinha querido ser os outros para conhecer o que não era eu. Entendi então que eu já tinha sido os outros e isso era fácil. Minha experiência maior seria ser o outro dos outros: e o outro dos outros era eu".

Clarice Lispector in: "Para não esquecer"

I - INTRODUÇÃO

Minha proposta no presente trabalho é de realizar uma introdução à " Clínica do Narcisismo" a partir de uma retomada do mito do Narciso como se fosse um caso clínico.

Duas questões já se apresentam: de que Narcisismo, enquanto conceito e referencial teórico pretendo utilizar-me? Qual é, por definição, essa " Clínica do Narcisismo"?

Inicialmente, se me fez necessário voltar-me para os escritos de Freud, numa tentativa de entender e integrar um pouco, quais as vicissitudes que sofrem o conceito de narcisismo ao longo de sua obra. Nesse percurso, interessei-me particularmente pelo entrecruzamento que se dá entre: Narcisismo, Paixão e Psicose.

De maneira geral, narcisismo " latu sensu" revela uma condição básica fundamental, um amor a si mesmo - a libido voltada para o ego. Freud propôs a noção de um narcisismo primário e normal, constitutivo e constituinte de todo ser humano e de um narcisismo secundário, quando refluem ao ego as cargas de libido objetais.

Assim, explicou o que acontecia à libido que foi afastada dos objetos externos nas psicoses e aproximou tal explicação da

compreensão da dinâmica psíquica do sujeito apaixonado, considerando a paixão como protótipo "normal" das psicoses.

Tomando como objeto de estudo a vida erótica humana, Freud classificaria, segundo o tipo de escolha de objeto ou o modo de relacionar-se com elas, dois tipos de relação de objeto:

- o narcísico : " pessoas cujo desenvolvimento libidinal sofreu alguma perturbação, que em sua escolha ulterior, procuram a si mesmas como um objeto amoroso", incapazes de discriminar a separação eu/outro, com a libido voltada para o ego.

- o anaclítico: pessoas capazes de estabelecer relações objetais, de AMAR um outro, enquanto Outro, discriminado, o que pressupõe um ego mais integrado.

Pensando no sujeito apaixonado, ao depositar seu ideal de ego no objeto esvazia-se, realiza uma escolha segundo o modelo narcísico, onde se mistura, funde-se ao objeto. Dessa maneira ficaria aprisionado numa relação narcísica indiscriminada, incapaz de amar, de fazer uma relação de objeto do tipo anaclítico.

Retornemos à segunda questão : Qual é a " Clínica do Narcisismo"?

" Não concluímos, contudo que os seres humanos se acham divididos em dois grupos acentuadamente diferenciados, conforme sua escolha objetual se coadune com o tipo anaclítico ou o narcísico; pelo contrário, presumimos que ambos os tipos de escolha objetual, estão abertos a cada indivíduo, embora ele possa demonstrar preferência por um ou outro". Freud (20)

Nesse sentido, a " Clínica do Narcisismo" seria a própria clínica psicanalítica, trabalhando com as partes " psicóticas e não psicóticas" de todos os pacientes. Mas então, não existiria uma diferença entre a Clínica das " Psicoses" e das " Neuroses"?

Lembremos que Freud, com a introdução da noção de narcisismo postulou que um psicótico não seria analisável, porque uma vez que não é capaz de dirigir sua libido aos objetos, não faria transferência.

Se entendermos que a libido narcísica é " anobjetal", somente no sentido de que está voltada para o ego e seus objetos internos, somente enquanto possibilidade do sujeito relacionar-se com um objeto externo reconhecido como tal; então podemos pensar num tipo especial de transferência. A transferência narcísica, seria mais uma " Psicose de Transferência" se comparada à " Neurose de Transferência".

Na transferência narcísica o que se repete é, novamente, essa vivência de indiscriminação, uma tentativa de misturar-se o paciente ao analista. Devido às suas características (libido voltada preponderantemente para si mesmo, defesas contra o reconhecimento da separação eu/objeto, fantasias de fusão e indiferenciação de caráter onipotente) estabelece-se uma transferência muito mais intensa, vivida em moldes primitivos, embora mantenham-se especificidades importantes conforme a estrutura clínica do paciente que estiver sendo analisado.

Lembremos uma famosa frase de Lacan: " Não é louco quem quer" - só fica psicótico quem pode, quem tem uma estrutura lacunar frágil, capturado no narcisismo primitivo.

Foi assim que, a partir dessas reflexões, decidi centralizar o trabalho de análise do " caso Narciso ", como um estudo das psicoses, opondo " paixão" (enquanto escolha de Objeto narcísico) e " amor" (no universo das relações objetais).

Parece-me interessante resgatar, dentro das várias origens e acepções da palavra paixão, o sentido da " passividade", que se - presta melhor para definir a relação de objeto narcísica.

Assim, " passional" refere-se a um sujeito assujeitado à uma ação sobre a qual ele não tem controle, pois não é o sujeito que a domina: "

arrebatado pelo inapreensível, que cada vez mais se interpõe, o sujeito apaixonado não age, é agitado".(52)

Gostaria ainda de assinalar que a aproximação entre paixão e psicose não me parece simples, nem constante. Embora Freud tenha constatado no estado amoroso uma diminuição de libido narcísica em proveito do objeto amado, pode-se verificar (e ele mesmo observa) - também o oposto, isto é, que para alguns indivíduos uma relação amorosa aumenta consideravelmente a auto-estima, assim como uma perda objetual pode desencadear uma diminuição da imagem narcísica (melancolia).

Não é fácil diferenciarmos nitidamente na prática, os estados apaixonados dos amorosos. Trata-se de um equilíbrio relativo entre libido narcísica e objetual, entre objeto interno e externo, ou do próprio ego tomado como objeto. Assim passar-se-ia de estados neuróticos à psicóticos e vice-versa, bem como de estados apaixonados (narcísicos) à relações de amor (objetual) e vice-versa também.

Na " discussão clínica", meu intento é estabelecer uma ponte para articulações teóricas introduzindo a importância da " fase especular", proposta por Lacan, na constituição do sujeito. Num segundo momento, gostaria de tentar ampliar a análise para uma aproximação à clínica, sob o desígnio do Narcisismo nesta prática, ainda a partir dos personagens apresentados no mito, não como um fenômeno observável só nos pacientes.

Acredito que tal proposta seja suficiente para abrir-se uma grande discussão sobre os riscos e problemas da " transferência narcísica" no dia a dia de nossos consultórios, bem como da prática e instituições psicanalíticas como um todo mais amplo no qual também estamos inseridos.

II - " O MITO DE NARCISO".

Narciso, filho de Céfiso, Deus Rio, e da azul Liríope, ninfa distinguida por sua beleza.

- De sua concepção: Diz-se que Céfiso não poupava ninfa alguma que passasse por suas margens e que Liríope foi mais uma vítima da insaciável energia sexual de Céfiso; este, um dia, a aprisionou em sua sinuosa corrente e, cativa em suas águas, a violou.

Uma gravidez penosa e indesejável, mas um parto jubiloso e, ao mesmo tempo, motivo de apreensão.

- O nascimento: "De seu ventre grávido deu à luz um menino tão belo que já naquele momento haveria podido despertar a paixão amorosa, e o chamou Narciso".

Não era concebível na cultura grega, um menino tão belo e mortal, pois competir com os deuses em beleza era uma afronta inexoravelmente punida e Narciso era mais belo que os Imortais.

Assim, na cultura grega, em que uma beleza fora do comum sempre assustava, sua mãe apreensiva e preocupada com seu destino, decidiu consultar Tirésias e perguntar-lhe quantos anos viveria o mais belo dos mortais.

- Tirésias: Era um adivinho Tebano, dotado do poder de predição "deiro", raiz do indo-europeu, desígnia aquele que tem capacidade e visão. A cegueira e a "mantéia" de Tirésias eram consequência de um castigo e de uma compensação.

Ao atingir a época de sua "dokimasia", das provas de caráter iniciático por que passava todo jovem ao ingressar na "efebia" (adolescência) e, em seguida, participar da vida da pólis, Tirésias escalou o monte Citerão e viu duas serpentes que se "acoplavam num ato de amor", com seu bastão, as separou e golpeou, matando a serpente fêmea. Como resultado o jovem Tirésias tornou-se mulher.

Passaram-se sete outonos e no oitavo, no mesmo monte Citerão, deparando-se com cena

idêntica repetiu a intervenção anterior, matando a serpente macho e recuperando o seu sexo original, masculino.

Assim, tornou-se famoso por ser alguém que tinha experiência dos dois sexos, que conhecia os dois aspectos do amor. Por esse motivo, foi chamado para resolver uma questão polêmica sobre Zeus e Hera: "quem teria maior prazer num ato de amor, o homem ou a mulher?"

Segundo Zeus: "Naturalmente, é maior o vosso prazer que o que alcançam os homens. Hera o contradizia. Tirésias respondeu, sem hesitação, que: "se um ato de amor pudesse ser fracionado em dez parcelas, a mulher teria nove e o homem apenas uma"

Hera ficou furiosa com a revelação do grande segredo feminino, mas principalmente porque com isso decretava a superioridade e a potência masculina, representada por Zeus, simbolizando todos os homens como responsáveis e únicos capazes de proporcionar tanto prazer à mulher. Furiosa, condenou a uma noite eterna os olhos de seu juiz.

Posto que, a nenhum Deus lhe é permitido anular a obra do outro, Zeus para compensar-lhe da luz que se lhe privava, e por gratidão, concedeu a Tirésias "conhecer o porvir", o dom da "mantéia", da profecia, bem como o privilégio de viver sete gerações humanas.

Assim, a visão do cego Tirésias e a visão de dentro para fora, "invidente", ("mantin"), das trevas para a luz...

Acrescenta-se que, é frequentemente relacionada a Mântica com a serpente, o réptil ctênio, subterrâneo e, por conseguinte, em comunicação com o mundo de baixo, depositário muito antigo da adivinhação.

- A resposta de Tirésias à Liríope: "Narciso viverá até a idade madura, contanto que não conheça - ou não veja - a si mesmo"; Dada a amplitude e ambiguidade da interpretação oracular, durante muito tempo pareceu vã a fórmula do adivinho, cujos significados ficam por ser conhecidos a posteriori".

- O Mito continua: (cabe observar, que não há menção sobre as circunstâncias de seu nascimento, nem como transcorreu sua infância)... Narciso, já passava um ano dos quinze e poderia passar tanto por uma criança, como por um jovem. Foram muitos os jovens e as moças que o desejaram, entre eles Amenio e Eco; mas - tão dura soberbia havia naquela terna beleza - não houve jovem ou moça que tocasse seu coração. Narciso permanecia insensível.

- Amenio: nome também de um rio; teria sido um jovem apaixonado - que como contestação à sua declaração de amor, haveria recebido de Narciso, como sinal de sua rejeição, uma espada. Tal arma, teria sido utilizada como suicida diante do repúdio do seu amor e ao cravá-la no peito, haveria clamado por vingança.

Assim, o amor não correspondido se converte em rancor, em ódio.

- Eco: era uma ninfa, filha do Ar e da Terra, passou sua infância - entre outras irmãs, que lhe ensinaram o canto e a música. Enamorou-se dela o Deus Pan que ao ser rejeitado, como vingança, inspirou a loucura nos pastores que a ameaçaram de esquartização, o susto não a emudeceu, mas a fez perder a capacidade de falar por si mesma, passando a ser conhecida como a "ninfa ressonadora".

Outra versão, conta que a deusa Hera, desconfiada das constantes viagens do marido ao mundo dos mortais, resolveu prendê-lo, lá em cima. Desesperado, Zeus lembrou-se de Eco, ninfa de uma tagarelice invencível, famosa pela fascinação que exercia com seus cantos. A esposa seria distraída pela ninfa e ele, Zeus, poderia dar seus passeios... Quando Hera descobriu o porque da loquacidade de Eco, condenou-a a não mais falar: repetiria tão somente os últimos sons das palavras que ouvisse.

Na cultura Maia, Eco é um dos atributos do grande Deus ctônio jaguar, enquanto associado às montanhas, aos animais selvagens, particularmente ao tambor, este relacionado

com o simbolismo da caverna, da gruta, da matriz.

Em síntese, o "tambor como o "eco" sonoro da existência".

- O encontro desencontrado de Eco e Narciso:... Perseguiu ele um dia, aos espantados cervos quando o viu a ninfa da voz, a que não podia nem calar-se quando lhe falavam, nem falar ela primeiramente ou exprimir seus desejos e/ou idéias próprias em palavras suas. Eco também era um corpo e quando viu Narciso, que errava por campos solitários, enamorou-se de sua beleza.

Apaixonada pelo mais belo dos jovens, seguia seus passos - às escondidas; e quanto mais o seguia, mais perto e forte sentia a chama que lhe ardia... oh, quantas vezes quis aproximar-se com palavras sedutoras e dirigir-lhe carinhosas súplicas! Sua condenação a impedia, não lhe permitia começar, mas para o que lhe é permitido ela estava preparada - para esperar sons aos quais responder como palavras suas. Casualmente o jovem Narciso que se havia distanciado do fiel grupo de seus acompanhantes, havia gritado: "Tem alguém por aqui?" ao que Eco respondeu: "por aqui", ele ficou atônito, olhou ao redor em todas as direções e gritou novamente, não vendo ninguém: "Vem cá!" ao que sucedeu convite igual ao seu da parte dela. Narciso se voltou e como não vinha ninguém disse: "Porque foges de mim?" e escutou em resposta tantas palavras como havia pronunciado. Insistiu e, enganado pela sensação da voz que respondia, exclamou: "Juntemo-nos aqui", e Eco que jamais responderia com maior gosto a nenhum outro som: "Juntemo-nos aqui!", repetiu e secundando suas próprias palavras, saiu da selva e se encaminhou para enlaçar seus braços ao redor do pescoço de seu amado, momento tão ansiado: porém ele fugiu e, ao fugir, a impediu de abraçá-lo com suas mãos, dizendo: "Antes morrerei, que amor nos una". Ela ficou imóvel, com a vista e o foi seguindo e ao que viu e ouviu simplesmente respondeu: "Amor nos una", sem poder retê-lo.

Desdenhada, Eco se escondeu, cheia de vergonha e dor, cobriu seu rosto de ramagem e desde aquele momento, tão friamente repelida, mas ardendo de paixão por Narciso, se isolou e se fechou numa imensa solidão: escolheu para moradia os antros e cavernas no meio mais intrincado dos bosques, caiu em tal estado de esgotamento e fraqueza, que deixou de alimentar-se e definhou até não restarem mais do que ossos. Conta-se que seus ossos ainda sofreram uma metamorfose, transformando-se em rochedos ou penhascos, não restando dela, ao final, nada além de sua voz. Essa voz sozinha, que escutamos nas zonas montanhosas, em cavernas, grutas, poços, ... que repete o final do que dizemos: o Eco.

- Condenação: "As demais ninfas e jovens escarnecidos, irritados com a intensidade e frieza de Narciso, clamaram por vingança, desejando que ele também amasse do mesmo modo que despertava a paixão e do mesmo modo, não conseguisse alcançar o objeto de seus desejos.

Tais pedidos foram escutados por Nêmesis - a justiça distributiva, a vingadora da injustiça praticada - que assentindo aos pedidos, condenou Narciso a "amar um amor impossível".

Nêmesis: ou a Vingança (32), castigava os culpados aos quais não alcançava a justiça humana; por exemplo, os "ingratos", os "orgulhosos", os "mentirosos", os "inumanos", os "egoístas"... Seus castigos ainda que rigorosos, eram justos e nem mesmo os reis podiam livrar-se deles.

É representada com asas para indicar com que rigidez segue ao crime, o castigo. Empunha uma lança com a qual persegue o vício, e uma faca cheia de um licor divino com o qual fortalece a virtude contra a desgraça. Sua face aparece tranqüila, seu olhar severo e seu andar firme. Uma "coroa de narcisos" circunda seus cabelos e geralmente vai coberta por um véu, considerando-se que a vingança celeste é impenetrável e alcança sem aviso prévio aos criminosos.

- A vingança se cumpre: ... Assim, estava-se novamente num verão, o jovem Narciso deparou-se com uma fonte límpida, de águas resplandecente como a prata, que não haviam sido tocadas nem pelos pastores, nem pelas cobras ou qualquer outro rebanho..., ali, fatigado pela "paixão" da caça e o calor, aproximou-se atraído tanto pela "nascente" como pela "beleza" do lugar. Sedento, debruçou-se sobre o "espelho" imaculado das águas e viu-se. Viu a própria imagem, a própria sombra refletida no espelho da fonte de Téspias.

Viu a si mesmo, sem sabê-lo e não mais pode afastar-se do "reflexo" fascinante que as águas lhe devolviam, apaixonado que estava pela própria imagem, incapaz de alcançar o objeto dos seus desejos.

Nêmesis cumpria sua maldição!

- A confirmação da profecia de Tirésias:... e enquanto ansiava por apaziguar a sede, outra sede mais forte havia brotado; enquanto bebia cativado pela imagem da beleza que via, amava uma esperança sem corpo, acreditando ser corpo o que era água... desejando a si mesmo sem o saber, o mesmo gostando a quem gostava, ao solicitar, era solicitado, ... não sabia o que via, mas o que via o queimava, como a uma chama que a si própria alimentava... e para que fosse maior seu sofrimento, nem os separava um imenso mar, nem um caminho, nem montanhas, nem muros com portas fechadas. Um pouco de água o que entre eles se interpunha.

Narciso: "... Gosto do que vejo, mas o que vejo e gosto, não o consigo; tão grande é a ilusão que se apodera do que ama... muitas vezes observei lágrimas em ti ao derramá-las, com teus sinais de cabeça respondes também aos meus, e pelo que posso perceber do movimento de sua linda boca, me respondes com palavras que não chegam a meus ouvidos - Esse sou eu! Me dei conta e já não me engana minha imagem, me consumo em amor por mim mesmo...(Conheceu-se?)... Que farei? Solicitar ou ser solicitado? E para que solicitar? O que

desejo está em mim; a abundância me faz indigente.

Ah! se eu pudesse separar-me de meu próprio corpo! Desejo inaudito em um amante, desejaria que o que amo estivesse longe com suas lágrimas, curvou-se à água; a mover-se a líquida superfície, obscureceu-se a figura refletida. Ao ver (se) borrar, gritou Para onde foges? Espera e não me abandones, cruel, a mim que te amo....

"O mesmo erro que lhe enganara os olhos, acende-lhe a paixão. Crédula criança, porque buscas em vão uma imagem fugidia? O que procuras, não existe. Não olhes e desaparecerá o objeto de teu amor. A sombra que vês é um reflexo de tua imagem. Nada é em si mesma: contigo veio e contigo permanece. Tua partida a dissiparia, se pudesses partir..."Inútil: sustento, sono, tudo esqueceu. Estirado na relva não se cansava de olhar seu próprio enlevo e por seus próprios olhos, "hipnotizado", imóvel dia e noite junto à nascente, consumiu-se pouco a pouco de inanição e melancolia, morrendo de paixão.

Suas últimas palavras foram: "ai, jovem, a quem em vão eu amei!" ao que se ouvia a voz ecoada num rochedo. Em seguida: "Adeus!", Em resposta o Eco: "Adeus!".

No momento mesmo em que Narciso acabava de expirar, as ninfas que desciam das montanhas o viram e, sem poderem se conter em seus próprios gemidos de dor, dispersaram-se por toda comarca, gritando em aviso a suas companheiras para que todos acudissem para a celebração dos funerais em memória de seu amado. Coroadas de ciprestes, adiantaram-se em direção à fonte fatal, mas já não encontraram mais ali o corpo de quem tanto choravam. Em seu lugar havia brotado um flor amarela, cujo centro é circundado de pétalas brancas, um narciso, porque só floresce em lugares úmidos e mediante as chuvas da primavera.

Dessa forma, encontram-se em Narciso e narciso, dois enamorados das águas...

- A metamorfose de narciso: Há versões que marcam de forma diferente a transformação de Narciso em narciso, através da figura de que pouco a pouco se lhe foram criando raízes ao primeiro, que terminou transformando-se no segundo.

Essa nova flor, chamaram-na de narciso, e atualmente se multiplicou em uma infinidade de tipos diferentes.

- Posfácio: Retornando à estória de Narciso, não foi assim que Oscar Wilde a deixou terminada:

"As ninfas desoladas, pediram à Fonte, água para chorar a morte de narciso. E a Fonte respondeu que, ainda quando todas as suas águas fossem lágrimas, não bastariam para chorar sua morte.

- Vê-lo, bastava para amá-lo! exclamaram as ninfas.

Era tão belo!

- Ah! Era belo? - perguntou surpreendida a Fonte.

- Tu o sabes melhor que ninguém - responderam as ninfas.

Narciso passava todo o dia inclinado sobre o espelho de tuas águas contemplando-se.

- Pois se eu o amava - respondeu a Fonte - era porque gozava, vendo em suas pupilas o reflexo de minha própria beleza. (54)

- Narciso: em grego "Narkissos"; o elemento "narke", significa "entorpecimento, torpor", cuja base parece ser o indo-europeu "(5) eng" "encarquilhar, morrer"; mesma base etnológica da palavra "narcótico".

A flor narciso tida por estupefaciente, hipnótica, soporífera, também era plantada sobre túmulos, simbolizando o sorvedouro da morte, referindo-se a esta como apenas um soro produzido por meio de narcótico ("narke" como fonte de narcose). Uma vez que o narciso floresce na Primavera, em lugares úmidos, ele se prende à simbólica das águas e do ritmo das estações e, por conseguinte, da fecundidade o

que caracteriza sua ambivalência entre morte (sono) - renascimento.

Na mitologia grega, "Hipno" era gêmeo de "Tânatos" e irmãos de "Somno"; todos filhos da Noite e, como sua mãe, com o poder de regenerar. Considerando-se que Tânatos é a divindade que introduz as almas nos mundos desconhecidos das trevas dos Infernos ou nas luzes do Paraíso; a própria morte, além de seu aspecto perecível e destruidor, é também a porta da vida.

"Em sentido esotérico, Tânatos simboliza a transformação profunda que experimenta o homem pelo efeito da iniciação: O profano deve morrer, a fim de renascer para uma vida superior que lhe confere a iniciação. Se não se morre para o estado de imperfeição, não há como progredir na iniciação".(5)

Quanto a "Hipnos" em grego "aquietar-se, dormir", donde o latim "Somnus", diz-se que "alado, percorre rapidamente o mundo e adormece todos os seres"; conta-se que, apaixonado por um lindíssimo pastor, concedeu-lhe o dom de "dormir com os olhos abertos", para poder olhar, dormindo, nos olhos do amante.

Retomando o mito do nosso presente interesse, Narciso era filho do rio Céfiso, em grego "Kephisos", "o que banha, o que inunda" e da ninfa "Liríope", em grego "Leirion", lírio-símbolo da pureza e da fecundidade. - e "ops", voz que provavelmente signifique "de voz macia como um lírio"; "lirium" em latim quer dizer "tolices".

A palavra "nymphé", etimologicamente "a que está coberta com um véu" refere-se à noiva mas também significa "boneca". As "ninfas", são divindades femininas secundárias - não habitavam o Olimpo - de eterna juventude; se não são imortais, vivem contudo - cerca de dez mil anos e jamais envelhecem, são essencialmente ligadas à terra e à água. Divindades do nascimento, suscitam uma mistura de veneração e temor; diz-se que "roubam crianças", e podem "perturbar o espírito de quem as vê".

No caso de Liríope, mãe de Narciso, esta pertence à divindade das águas claras (das fontes e das nascentes, dos rios e riachos), "que geram e criam grandes heróis", vivem nas cavernas, nas grutas, - lugares escuros e úmidos - o que lhes empresta um aspecto Ctônio (subterrâneo), apavorante. Daí a relação recíproca entre nascimento e morte contida também nos rios, enquanto correspondendo a uma força criadora da natureza e do tempo; por um lado simbolizam a fertilidade e a progressiva irrigação da terra; por outro lado, o transcurso irreversível, o abandono e o esquecimento.

- **Espelho:** do grego, "Spélaion", caverna, cavidade, gruta - sendo que grutas e cavernas são lugares considerados próprios para rituais de iniciação, em que se morre para renascer para uma nova vida do latim "Speculum", ligando-se a seus significados de reflexão, reprodução e aos figurativos de advertência, aviso, lição, exemplo, modelo.

O próprio caráter do objeto enquanto "uma superfície polida e brilhante que reflete os raios luminosos e em que se reproduz a imagem do espelho, " determina a variabilidade temporal e existencial de sua função, explica seu sentido essencial e ao mesmo tempo a diversidade de conexões significativas a ele relacionadas, a partir de um sentido " caleidoscópico", de aparecer e desaparecer.

Freqüentemente, em lendas e contos, o espelho aparece do todo do caráter mágico a partir de sua qualidade fundamental, pois na medida em que é uma lâmina que reproduz imagens, de certa maneira as contém (vê) e absorve (vê).

Encontra-se referência a que seja um símbolo da imaginação ou da consciência, enquanto capacitada a reproduzir os reflexos do mundo visível em sua realidade formal. Relaciona-se também o espelho ao " pensamento", este que seria o órgão da auto-contemplação e reflexo do universo para alguns filósofos: neste sentido ligando-se reflexo/espelho/água, aparecendo o cosmo

como um imenso Narciso que vê a si refletido na consciência humana(9).

"É o lugar a partir do qual, especulando, colhemos o que somos e não somos".(8)

" Quando olho, sou visto, logo existo.

Posso agora me permitir olhar e ver.

Olho agora criativamente e sofro a minha percepção e também percebo.

Na verdade, projeto-me de não ver o que ali não está para ser visto (a menos que esteja cansado) ".

Como o " Eco", é símbolo dos gêmeos, da dualidade (tese e antítese). Como reflexo no espelho, o gêmeo reflete o outro, idêntico e impossível, que no entanto existiria ali. Nesse sentido, acerca da " paixão" e morte de Narciso, existe também a versão de que ele teria tido uma irmã gêmea, parecidíssima com ele e a quem muito amava; com a morte prematura da mesma, o jovem ficou inconsolável e refugiou-se na solidão; posteriormente ao ver-se na Fonte de Tespias ele acreditou estar vendo a irmã e não mais conseguiu afastar-se dali.

Segundo Lichtmann (38) a análise de mitos e relatos literários sobre gêmeos nos revela uma espécie de divisão do ego; em uma parte que é mortal e outra imortal - a " desmentida" da morte (da castração), no seio de um ego que se sabe mortal, enquanto seu duplo nega sua mortalidade. Ela exemplifica com o caso de um paciente cuja morte de seu gêmeo desencadeou uma crise de despersonalização e intensa angústia de morte; " oscilava entre sentir-se ameaçado de morte iminente, de ter que correr o mesmo destino de seu gêmeo e de sentir-se a salvo com a crença subjacente de haver sido esgotada, com a morte do irmão, a quota de morte que o destino "reclamava".

Ainda numa outra versão, Narciso ao deparar-se com sua própria imagem refletida, " confundia-se com uma ninfa" (como sua mãe) apaixonando-se violentamente e em vão tentando abraçá-la e beijá-la, resultando numa enorme frustração, que se refletia no rosto que

via, sem que ele pudesse identificar como sua própria, atribuindo erroneamente à sua bem amada ninfa, deduzindo que ela estaria sofrendo e em perigo, o que lhe despertou o desejo de atirar-se, unir-se a ela, para socorrê-la e salvá-la.

- Gostaria de nesse momento, alargar o parêntesis, para introduzir um dos mais famosos mitos que aparece na obra de Platão, "O Banquete", em que Aristófanes, o comediógrafo, diz inicialmente haverem sido três os gêneros humanos: o masculino, composto de duas partes masculinas; o feminino, de duas partes femininas; e o andrógino, de uma parte masculina e outra feminina.

Assim, "inteiriça era a forma de cada homem, com o dorso redondo, os flancos em círculo; quatro mãos ele tinha, e as pernas o mesmo tanto de mãos, dois rostos sobre um pescoço torneado, semelhantes em tudo; mas a cabeça sobre os dois rostos opostos um ao outro era um só e quatro orelhas, dois sexos..." (a imagem descrita me faz lembrar os desenhos de Leonardo, tentando retratar o "coito"). A humanidade era composta por seres fortes, de "grande mobilidade", porém, dotados de excessiva presunção; voltaram-se contra os deuses e tentaram fazer uma escalada ao céu para atacá-los (vide Totem e Tabu). O castigo de Zeus à "hybris" dos humanos primitivos consistiu em cortá-los, separando verso e reverso (castração, a lei paterna); Apolo tentou retocar com "plástica divina" os seres assim divididos, mas sem poder mudar a sensação de "incompletude" e a ânsia de cada metade, daí por diante, unir-se à outra.

O amor, seria assim, a busca da totalidade perdida, da unidade quebrada, incluindo um sabor de falta de mutilação de incompletude, onde o desejo de unir-se ao amado proviria dessa sensação de ser apenas parte, metade de um todo:

"O motivo disso, é que nossa antiga natureza era assim e nós éramos um todo; é portanto ao desejo e procura do todo que se dá o nome de amor. Anteriormente, como estou

dizendo, nós éramos um só, e agora é que, por causa de nossa injustiça, fomos separados pelo seus..."

Na mitologia grega encontramos a estória de "Hermafrodite" filho de Hermes e Afrodite: sua extraordinária beleza fascinou a ninfa Salmacis que pediu aos deuses que "fundissem" seus corpos em um só e assim, um único ser (os "dois em um"), passou a simbolizar a bissexualidade.

III - DISCUSSÃO CLÍNICA

UMA TENTATIVA DE ANÁLISE do "caso NARCISO":

Tomemos "Narciso" como um caso clínico.

Pensemos no seu "mito familiar"; de seu pai (um rio) pouco se tem notícias (indício da ausência do "Nome do Pai" no discurso) além de uma provável estrutura perversa. Sua concepção foi fruto de um estupro e durante a gestação, foi rejeitado por sua mãe.

Sua mãe, famosa por sua própria beleza, era uma ninfa e portanto "eternamente jovem" (não atingiria jamais a maturidade-falicismo). Narciso ("entorpecimento, encarquilhamento") foi o nome que ela escolheu para identificar o filho que abrigou em suas entranhas.

Ao nascer, não desperta em sua mãe o amor, mas a paixão e o subseqüente temor por sua vida (projeção, formação reativa?). O motivo de tal apreensão? - a beleza, maior do que permitida aos mortais. Mas não era ela própria tão bela? Haveria ela já considerado o ataque de Céfiso como também uma punição a sua própria beleza e o resultado - a concepção de Narciso - como símbolo vivo de seu "castigo"?

Lembremo-nos de Freud no que fala do narcisismo de mulheres excessivamente belas e incapazes de amar {20}; e de "uma classe de mulheres, de paixões poderosas, que não toleram substitutos" {22}. Lembremo-nos também da madrasta de Branca de Neve diante

do espelho: "espelho, espelho meu, existe alguém mais bela do que eu"?

Pensemos em Narciso como uma ameaça ao narcisismo de sua mãe, não à sua beleza. Retomemos Bettelheim (3):

"O narcisismo da madrasta está representado pelo espelho mágico e sua busca de segurança com respeito à sua beleza, muito antes de que a formosura de Branca de Neve eclipse a sua".

Para "tranquilizar-se", Liríope decide consultar Tirésias, que lhe responde: "Narciso viverá até a idade madura, contanto que não conheça - ou não veja a si mesmo".

O que significa conhecer-se, ver a si mesmo?

Podemos pensar que todo "Narciso" morre após reconhecer-se mas que é um longo processo de sucessivas elaborações de lutos pela perda do narcisismo o que possibilita chegar à maturidade psíquica.

No caso de não ver-se, não discriminar-se, permanece plenamente narcisista, sem poder relacionar-se com o outro enquanto Outro.

E assim, Narciso cresce, incapaz de "Amar", escondido atrás de sua beleza, com uma estrutura lacunar, frágil, na base de sua história e seu destino. Chega à adolescência, sem que se saiba como foi sua infância.

"O que impressiona é que nos mitos mais próximos à Psicanálise - Narciso, Édipo e o de Hermafrodito - ... em todos estes relatos míticos, a infância do protagonista está ausente, o que não pode deixar de evocar a amnésia infantil dos neuróticos. Se descrevem as circunstâncias que rodeavam a concepção e o nascimento, logo há um silêncio e o personagem, não reaparece senão quando já deixou de ser púbere. Não são estes os momentos decisivos para a identidade sexual? A concepção, enquanto à identidade sexual biológica; o nascimento, enquanto à identidade sexual reconhecida - com júbilo ou desilusão - por parte dos pais, e a puberdade, enquanto à identidade sexual assumida pelo sujeito". (41)

Lembre-mo-nos novamente da análise do conto de "Branca de Neve" feita por Bettelheim:

"A rainha, ao consultar a todo momento ao espelho sobre suas qualidades - quer dizer, sobre sua beleza - repete o antigo mito de Narciso, que se enamorou de si mesmo, até o extremo de ficar totalmente absorvido por seu próprio amor. É a imagem do progenitor, narcisista, que se sente ameaçado pelo crescimento de seu filho, pois isto significa que ele está envelhecendo. Enquanto a criança é totalmente dependente, permanece como se fosse parte de seu progenitor; não fere o narcisismo paterno. Mas quando o pequeno começa a crescer e alcança a independência esta figura paterna narcisista o experimenta como uma ameaça, igualmente como ocorre com a rainha na história de Branca de Neve". (3)

Pensemos que situação semelhante poderia haver sucedido na relação de Liríope com seu filho e que a profecia poderia ser ouvida como um alerta a essa mulher, ao golpe fatal que poderia estar a caminho para o seu narcisismo. Interessante também lembrar que é no despertar da sua adolescência, que Narciso ressurge no relato mitológico: "belo, arrogante e desdenhoso".

Parece que sua beleza e seu narcisismo, exerciam grande atração "sobre aqueles que renunciavam à uma parte de seu próprio narcisismo e estão em busca do amor objetual".(20) E, assim, foram muitos que o desejaram e que foram sucessivamente rejeitados e ignorados. A fascinação e o desdém levam Narciso à arrogância e isolamento em lugar de permitir-lhe o respeito por si mesmo e a socialização (referência a Bion).

Em relação à adolescência de Narciso, lembrando os costumes da época fica ainda uma pergunta: porque ele não participou dos rituais do "dokimasia", ao ingressar na adolescência? Um narciso não ingressa na vida da "polis", enquanto Narciso, afasta-se do contato com outro e se mantém "vagando por campos solitários". Assim, ele não poderia

tomar contato com um outro diferente dele, mesmo porque implicaria em risco de vida, uma vez que através do intercâmbio com alguém, poderia chegar a ver a si mesmo.

É assim que foge dos outros (objetos perseguidores) e mantém-se intacto Narciso (em fusão com a mãe idealizada).

O episódio com Amênio, pode ser representante de imagens que expressam de modo condensado, a importância de um pai e de um filho que fracassaram na realização de um intercâmbio amoroso. Esse Amênio (Rio também) que se mata, pode ser a recusa de Narciso em aceitar a lei paterna, ou o representante de um pai castrado na medida em que não pode interpor a lei que proíbe o incesto e a perpetuação da relação mãe-filho.

Lembremos que estamos falando de um pai violador, um parceiro não desejado que na melhor das possibilidades estaria tardiamente esforçando-se por impor o que não soube conquistar pelo caminho do amor, mas que provavelmente só é capaz de sentir grandes paixões.

De outro lado, existe uma mãe que, humilhada como mulher, provavelmente não sentiu ternura ou desejo pelo homem que se utilizou da força física - ou poderes dos deuses - para transgredir uma legalidade que deveria resguardar e proteger, para que pudesse ser objeto de admiração e respeito e juntos fundassem uma família. Nessas circunstâncias, esse filho assim gerado, fica comprometido com o não desejo de sua concepção ao mesmo tempo em que lhe é resguardado um lugar sonhado, a partir do qual pretende ser "tudo" para a mãe, assim como esta, na dimensão especular, personifica aquele que o completa.

A história segue e entre tantos que se apaixonam por Narciso, sem "sequer lhe arrancarem um olhar" (ele não pode olhar para fora porque seria reconhecer a falta) aparece Eco, que o confunde, deixando-o crente de continuar sozinho com sua própria voz, errando por campos solitários.

Lembremo-nos que, como a mãe de Narciso, ela também é uma ninfa - muito bela e eternamente jovem - que também se relaciona com as cavernas e as entranhas da Terra, que está condenada a ser "uma voz tola" - relação com o nome de Liríope - e que simboliza a própria dualidade.

Um ponto que me parece importante, é que, ao interpor-se na relação parental dos grandes deuses, ela ficou ao lado do pai, acobertando-o contra a mãe (possivelmente projetando-se nas outras jovens com quem ele saía). Como castigo "perdeu" a capacidade de exprimir-se com "voz própria" - sintoma histérico? Incapaz de conseguir um relacionamento substituto para aquele interditado, ficou assim aprisionada e fadada a "repetir", sem possibilidade de "elaborar"; sentindo-se por outro lado extremamente atraída pelos modelos do narcisismo perdido, ao qual tampouco pode retroceder.

O que poderia ser um encontro, uma esperança de encontrar finalmente um "espelho" substituto que o referendasse, também significa para Narciso uma ameaça de morte (perda da fusão pois Eco não era ele, nem a mãe). Sucede-se um desencontro no qual de um lado está Eco que não fala nem cala o que quer e do outro Narciso que não a vê, nem nunca viu a si próprio.

"Apaixonada", ela tampouco o vê, mas anseia pelo encontro impossível que lhe possibilitaria talvez a possibilidade de troca de "amar e ser amada".

Gostaria de nesse momento retomar o diálogo entre Narciso e Eco, no qual me parece existir uma "tentativa", ainda que vã, de encontro:

N - Tem alguém por aqui?

E - Por aqui.

(N. aflito, procura, mas não vê ninguém)

N - Vem cá!

E - Vem cá!

(N. não vê ninguém)

N - Por que foges de mim?

E - Foges de mim?

N - Juntemo-nos aqui!

E - Juntemo-nos aqui!

(N. fugindo)

N - Antes morrer, que amor nos una!

E - Amor nos una!

É verdade, "Narciso" também morre se for capaz de amar, não pode nem conhecer-se, nem ser reconhecido pelo outro enquanto objeto de desejo.

"Tem-se de admitir que os poetas estão certos em gostar de retratar pessoas, que estão enamoradas sem sabê-lo, ou incertas se amam, ou que pensem que odeiam quando na realidade amam. Pareceria que as informações recebidas por nossa consciência acerca de nossa vida erótica são especialmente passíveis de serem incompletas, cheias de lacunas ou falsificadas" - Freud (24)

Haveria Narciso sem o perceber, nesse encontro desencontrado com Eco, iniciado a questionar-se a respeito de si mesmo? Quem sou eu, enquanto possibilidade de discriminar-se e reconhecer-se como diferente do outro?

Quanto ao destino da apaixonada Eco, desiludida e abandonada, melancolicamente, suicida-se. Assim, Narciso "mata" a ameaça de sua morte, o outro que poderia intervir e arrancá-lo do seu narcisismo.

Narciso, por não poder AMAR, fica então condenado à apaixonar-se e não alcançar o objeto impossível dos seus desejos. (Interessante notar, que a condenação ainda é feita por uma "justiça" de moldes primitivos, a "Vingança" segundo a lei de Talião: "olho por olho, dente por dente").

"Não há cunho propriamente amoroso, sem o reconhecimento de uma irredutível insuficiência narcísica, ou mais exatamente, de uma inelutável exigência do outro, enquanto

outro e porque outro. É a diferença que, por definição faz com que o objeto pertença ao dinamismo sexual. A similitude reside na falta comum e na reciprocidade do desejo de repará-la". (11)

Assim, Narciso "sedento" aproxima-se de um lago, uma nascente - buscando saciar-se de uma insuficiência narcísica que o mantém capturado não referendado numa trama sedutora - e ao debruçar-se sobre o espelho das águas, apaixonou-se incapaz que é de amar.

Narciso afastou-se dos outros, de Eco, possível invasora que poderia abalar seu precário equilíbrio, como se não precisasse dos outros para viver bem, negando a falta - parece não se deixar - enganar de todo por essa ilusão, de outra forma não estaria desesperadamente buscando um outro. Finalmente descobrirá que esse "pseudo outro" era uma alucinação, era ele mesmo tentando bastar-se a si mesmo.

Poderíamos supor que "Narciso é filho de uma mãe incapaz de exercer a função materna, de uma mãe que procura o seu próprio reflexo no filho - assim como o lago captado por Oscar Wilde - para confirmação de sua própria existência e atributos. Assim, ao debruçar-se sobre "ela", o que Narciso estaria buscando poderia ser uma confirmação dela para ele.

Ou ainda que à visão dessa imagem refletida, combinar-se-ia uma alucinação da mãe, do outro tão precocemente perdido que inexistia com a finalidade de preencher o vazio do desejo, buscando o reflexo de sua própria existência num abraço que mais uma vez não acolhe.

Esse menino frágil, à espreita de uma imagem de si mesmo duplicada, procuraria no espelho das águas maternas um olhar que diferente dele, lhe pudesse falar e através do qual lhe devolvesse sua imagem especular com tudo aquilo que representa para a mãe.

O problema é que "esse olhar da mãe", não lhe fala, está mudo, voltado para dentro, incapaz de auxiliar seu filho a se reconhecer como sujeito, com um lugar e valor próprios. Assim, Narciso não ousa desviar o olhar dessa

imagem tão ansiada, sob pena não somente de perder a ilusão amorosa, mas também a confirmação de sua própria existência. Pobre criança! Não é nem capaz de brincar de "fort-dá", pois na ausência, o objeto não existe, morrem os dois. Ele não pode jamais abandonar a "nascente", fica prisioneiro da relação primeira e nas águas maternas se funde para não separar-se.

Pobre Narciso! Ansiava tanto à intimidade plena e total com sua mãe, mas por não tê-la ganho nunca, tampouco a poderia perder; ou melhor, só poderia ganhá-la como útero, como túmulo.

Acompanhemos a associação simbólica: nascente-lago-espelho-caverna-gruta-útero-túmulo.

Lembre-mos que Narciso esteve sempre inteiramente agregado às águas - como filho de um rio e de uma ninfa das águas claras, e ainda cortejado por um rio e por outra ninfa. Das águas ele surge e a elas retorna. Que representarão essas águas? A associação primeira e mais imediata remete à placenta e outros significantes da série materna.

A imagem de Narciso refletida nas "entranhas maternas" é o irresistível convite para retornar (regressão absoluta, nirvânica) à matriz da qual na verdade nunca se diferenciou, negando de sua parte o princípio de realidade que impõe o reconhecimento a aceitação das vicissitudes evolutivas. Narciso, nega-se a "nascer" psicologicamente, o que implicaria em abandonar a fusão simbiótica inicial com a mãe e renunciar assim à sua posse exclusiva.

Outra possibilidade, interessante de ser considerada é que, sendo duplamente filho das águas, ao encontrar uma imagem refletida, na mãe poderia também haver sido incluído o Pai, até então ausente do discurso. Nessa linha de raciocínio seria o encontro com o Outro lugar de castração e da lei - que levaria Narciso à morte (é Édipo quem vive a relação triangular, embora ambos tenham a mãe como objeto de amor).

"Ao entrar em cena a função paterna, acelerando o processo de separação ou clivagem da díade mãe-filho, há como que um abalo sísmico na concepção egocêntrica do universo mental do recém-nascido: um "Outro" vem disputar-lhe a posse dessa mãe-universo-com-a-qual-se (con) fundia ou que-o-complementava.

A harmonia dessa função com a matriz original, perturba-se novamente. Antes fora a perda da contiguidade corpórea pelo cisma do nascimento, agora cunho vivencial interposto pela percepção da presença paterna. É a segunda ferida narcisista das muitas que se sucederão ao longo da trajetória existencial".

A relação de Narciso com sua imagem ainda remete à projeção do nascimento dos pais nos seus filhos, de muitos pais que vêm em seus filhos somente a encarnação de seus ideais os quais necessitariam possuir para alcançarem, através de seus filhos, a plenitude desejada e inatingível. Assim o bebê, já ao nascer, será - ou melhor já é - o que seus pais não puderam ser; ele alcançará o que eles não puderam alcançar no curso de suas próprias vidas.

Como Freud nos chamou a atenção, o bebê se constitui também a partir da projeção do narcisismo dos pais, sendo quase imprescindível para sua constituição, viver esse momento do desenvolvimento em que é "Sua Majestade o Bebê".

Os problemas de que estamos tratando, surgem do perigo desse "olhar narcisista" capturar o bebê que idealizado desse modo, e mantido cativo dessa imagem maravilhosa que se reflete nos olhos da mãe - dos pais - ficaria assim fundido, procurando alucinatoriamente reconstituir um imaginário paraíso perdido.

Assim, quando não podemos sair do lugar de ideal narcisista de nossos pais, e procuramos completá-los, tratando de ser ou de ter aquilo que eles não puderam conseguir, ficamos prisioneiros de um vínculo dependente, endogâmico, que nos alheia e nos incapacita para o "amor".

Poderíamos então também pensar que a angústia sentida por Narciso, ao não poder ter sido contido por Eco - único contato que se dá em todo o mito -, o levaria a buscar beber de alguma fonte que contenha seu mal estar. Seria assim que, à sua sede de beber, agregar-se-ia outra, despertada por esse encontro "resvalado" a partir do qual "sem dar-se conta", começou a reconhecer-se e desejar um Outro. Perigo! Desse novo lugar, ameaça e é ameaçado pelo narcisismo de sua mãe.

No seu desespero, Narciso confunde a imagem refletida com um outro e passa a fazer sucessivos e inúteis esforços apaixonados, para que o outro o ame, o contenha, para que ele possa abraçar, ser abraçado, ajudarem-se... sem poder tomar consciência de que é à sua própria imagem que ele ama. Mas, se o sujeito apaixonado é incapaz de amar ao outro, é sempre a si próprio que ama de forma apaixonada, uma vez que submete-se e se entrega ao ideal do ego.

Então, ao descobrir-se e ao outro portanto, Narciso deseja em vão separar-se de seu corpo fusionado, da fusão narcísica em que estava capturado. Diante do sofrimento iminente de um novo nascimento, suscitado pela separação necessária para encontrar um outro e constituir-se, resiste, regride e se funde novamente à mãe nas águas das quais se originou.

Outra possibilidade mais romântica, é anorexicamente identificado melancolicamente com Eco suicida-se para eximir-se de suas culpas e reencontrá-la no seu diálogo final, ao estilo "Romeu e Julieta".

Existe uma superstição, relacionada com o significado dos espelhos entre os gregos e romanos antigos, segundo a qual, preparado para roubar a alma de quem porventura ali se refletisse. Podemos pensar nesse espírito, como o "espelho Liríope - somado à perversidade de seu pai - na qual se perde Narciso: "Como se diante do risco de perder de vista aquilo que lhe serve de anteparo nas superfícies das águas", preferisse morrer, ou até mesmo "lançar no poço sem fundo da fusão mortífera", a

enfrentar o seu vazio interno; vazio não apenas enquanto ser sexuado, mas enquanto outro que não o Outro." (42)

Assim ele se entrega, não só é capturado, como deixa-se capturar.

Uma outra questão é que, "por seus próprios olhos hipnotizado ele morre". Na hipnose, assim como na paixão, todo investimento libidinal está voltado para objeto no qual está projetado o ideal do ego, de maneira que estabelece-se uma seleção com características narcísicas onde pode-se intuir a existência talvez de um "ódio-enamoramento", uma vez que o desejo do Outro se faz presente sem qualquer mediação. Para liberar-se do jogo hipnótico, ele se mata; ou então, simplesmente, busca em "Hipno", a ajuda de seu poder regenerador, que tanto poderia ser através do "Sono", como da "Morte".

Podemos pensar na expressão máxima da pulsão de morte, resultando no suicídio de Narciso, a partir de um aprisionamento narcísico, tanático? Assim, é como se jamais houvesse existido qualquer separação e que ao reconhecer-se no espelho da existência, tal imagem lhe causasse uma dor tão lancinante que buscasse a morte como retorno ao útero, ao nirvana, mas também à imortalidade. A questão é que sem alguma fusão à pulsão de vida, não haveria qualquer movimento.

Outro ponto. Não existe nessa versão também uma fantasia de renascimento? Nessa compreensão o ato suicida (uma "psicose manqué") seria proveniente de um ato de magia, baseado no pensamento pré-lógico. "Dessa forma, o suicida não estaria buscando sua própria morte ou desilusão, mas muito pelo contrário, sua eternidade e ressurreição" (16) - Tánatos enquanto Morte e porta da vida.

Assim, cumpriram-se as "profecias":

- Um Narciso pode viver até a idade madura, desde que não se conheça a si mesmo.

- "Um Narciso morre quando pode ver a si mesmo".

- " Um Narciso" morre antes de poder amar, ele só pode apaixonar-se.

" Então ele se ergue um pouco. O rosto divaga.

Como antes a superfície da água matiza-se e a visão submerge. Todavia diz Narciso ser impossível beijá-la. Ele não precisa desejar uma imagem um gesto de quem a quer possuir, e ela se despedaça. Ele está só. Que fazer? Contemplar.

Circunspecto e piedoso recupera seu jeito calmo

Ele permanece - símbolo que se expande - e debruçado sobre a aparência do mundo, de modo vago, percebe nele, fundidas, as gerações humanas que passam".-A. Gide-

Narciso não morre, se transforma (metamorfose) em narciso.

Na Ásia, o narciso é símbolo de felicidade e expressa os cumprimentos do Ano Novo, isto é, de um ano que sucede ao sono do ano velho; quer dizer, um retorno anual, um aniversário de tempo cíclico (" annus", ano e "versare", voltar constantemente) - semelhante à simbologia das águas de que se origina e às quais retorna (lugar também onde se inicia a vida filo e ontogeneticamente).

Podemos finalizar, lembrando, ao longo da história da humanidade, o constante renascer de " Sua Majestade o Bebê", expressão máxima do narcisismo, que não morre, repete-se e se transforma em cada geração.

- Lembremo-nos de que Freud reconheceu não somente que é necessário sair do narcisismo e amar para não adoecer, mas também que o narcisismo era a premissa do amor. Isto é, que para amar é preciso haver-se apaixonado, e mais ainda, haver sido amado, como objeto de amor e não só de paixão.

IV - TENTATIVA DE APROXIMAÇÃO À " CLÍNICA DO NARCISISMO"

" A ficção é uma manifestação da diversidade espiritual da humanidade. O artista detecta o mundo multipolar que subjaz no mais recôndito do ser humano, tal como o analista o pode descobrir no decurso do processo analítico".(38)

Pensemos em narcisismo no processo analítico clínico, no nosso dia-a-dia no consultório. Para tanto, gostaria de voltar-me novamente para o mito de narciso, como ponto de partida para esta reflexão.

" Reflectere" (Curvar-se novamente), significa etnologicamente " voltar para trás ; " reflexus" (inclinação para trás).

Para refletirmos, precisamos novamente curvar-nos, voltar para trás, no sentido de uma retomada de nossos pensamentos, para então podermos seguir adiante no desenvolvimento e articulação desse e de novos pensamentos. Senão, ficamos aprisionados aos " pensamentos já pensados", numa pobre e restrita dimensão do si-mesmo.

O que pode provocar uma " reflexão" como a de Narciso? Ao debruçar-se, volta-se para si mesmo, com toda a libido aprisionada no ego, exclui a possibilidade de entrada de qualquer pensamento ou impulsos novos, Só, ele se " empobrece" e morre - " morte Psíquica".

Pensando no espelho-analista como o lugar em que as imagens se "refletem", é essencial que o analista possa ser alguém capaz de criar essa "reflexão" ao lado do paciente, conter suas angústias, ao mesmo tempo manter e romper sua ilusão narcísica, para desse lugar, pouco a pouco ajudá-lo a constituir-se enquanto outro.

Um dos perigos é que, o analista venha a transformar-se em mais um " espírito das águas", capturando (e capturado por) seu paciente nessa trama narcísica;

" Se o espelho for encoberto, seu reflexo desaparece, se o espelho acusar um defeito, a

imagem que ele lhe devolve voará em pedaços". (42)

Pensemos em Tirésias, como representante da função analítica da personalidade, que cegado para a percepção do aparente e quotidiano (manifesto), pode observar e interpretar o funcionamento consciente (latente). No mito, "como desvendador de estruturas profundas", ele encarna o papel do psicanalista; podendo para aqueles que o consultam, ser o espelho onde possam refletir-se, refletir, interrogarem-se e discriminarem-se. A interpretação oracular contém em si um conhecimento cujos significados só serão conhecidos e ressignificados à posteriori.

Interessante é que diante da ambiguidade da resposta do oráculo - "Viverá até a idade madura desde que não conheça a si mesmo" - não aparece em momento algum nenhum personagem capaz de expressar qualquer interrogação. Assim Liríope apareceria como um paciente indiscriminado, que poderia estar projetando seus ideais onipotentes no analista ou que identificada com eles, assumiria uma atitude arrogante, incapaz de demonstrar uma curiosidade que implicasse reconhecimento e respeito a si mesmo e ao outro.

Podemos ainda levantar a questão da dupla mensagem, quando Liríope não pergunta duas vezes sobre o destino de Narciso, na verdade, seu interesse talvez não fosse cuidá-lo, mas "aplar" a sua culpa por havê-lo rejeitado tão intensamente. Nessa situação, não existe único possível entre o conteúdo que está sendo verbalizado e a experiência emocional em questão, na clínica aparece uma sensação de morte, "assassinato psíquico". Lembremo-nos das recomendações de Freud, de honestidade e sinceridade, além do princípio de abstinência.

Mas, e quanto a Narciso? Ele Também não pergunta nada sobre si mesmo ou o seu destino; caso pudesse fazê-lo, poderia ser o outro, discriminar-se, sairia de seu narcisismo. Pacientes assim, "vagam por campos solitários", deixam o analista com sua impotência e o desejo todo de sua análise, uma

vez que não permitem o contato com o outro diferente, através do qual "algo" poderia modificar-se, com riscos de romper a frágil membrana na qual se escondem, "esforçando-se por repetir na relação transferencial, uma estrutura bidimensional que preencha e satisfaça, "não podendo escutar nada além do eco de sua própria voz, nem reconhecer a dependência.

Tais pacientes, devido aos sentimentos contratransferenciais que suscitam, trazem dificuldades maiores ao manejo da transferência, uma vez que representam uma agressão e um convite ao narcisismo dos analistas. Quando, enquanto analistas, não podemos sair do lugar de ideal narcisista de nossos pacientes, complementando os contratransferencialmente, ficamos todos - pacientes e analistas - capturados em um vínculo dependente que nos alheia de nosso papel, perverte a relação, impedidos ambos de estabelecer um vínculo de "amor", prisioneiros da "paixão".

Estamos portanto considerando um tipo especial de transferência, nos moldes do narcisismo, fenômeno comum na clínica psicanalítica, que não se restringe às psicoses.

"O vislumbre do bebê e da criança vendo o eu (self) no rosto da mãe e, posteriormente num espelho, proporcionam um modo de olhar a análise e a tarefa psicoterapêutica. Psicoterapia não é fazer interpretações argutas e apropriadas, em geral, trata-se de devolver ao paciente, a longo prazo, aquilo que o paciente traz. É um derivado complexo do rosto que reflete o que há para ser visto". - Winnicott -

"... o analista não é unicamente um espelho no qual, se refletem os objetos internos do analisando; este projeta frequentemente suas fantasias e sentimentos não somente sobre o analista, mas também dentro do mesmo. Sugiro ampliar este conceito de tridimensionalidade também à contratransferência..." - Grinberg -

Assim, é função do analista acompanhar os movimentos do paciente, atento para as armadilhas da transferência narcísica, de modo a não reduzir-se ao papel de Eco, devendo

muitas vezes - atento à contratransferência - " calar-se quando tiver vontade de dizer alguma coisa," mas também " falando quando tiver vontade de calar-se"; sempre atento ao "timing", para não antecipar um encontro para o qual seu paciente ainda não esteja preparado, ao mesmo tempo em que capaz de introduzir o elemento novo no discurso, que possa romper a compulsão à repetição e proporcionar o encontro com o outro.

Importante prestarmos atenção à outra peculiaridade que ocorre no diálogo entre a analista Eco " e o paciente Narciso ", pois a última fala deste, a resposta " ecoada", suprimiu a referência à morte, não foi capaz de traduzir escutar e conter o conteúdo emocional angustiante implícito.

Podemos pensar num analista mal analisado, com dificuldades nessa linha, a ameaça de suicídio de um paciente o atinge em cheio no seu narcisismo. Numa outra linha, também impactado pela ameaça de suicídio. - como seria de se esperar numa relação transferencial com um paciente tão regredido - o analista ficaria angustiado, preocupado com a preservação da saúde e vida de Narciso, não só enquanto responsável frente ao eventual perigo de concretização da ameaça, mas também contratransferencialmente a partir do lugar em que seu paciente o está colocando, talvez justamente desejando invadí-lo assim.

Pensando nesse último lugar contratransferencial, o analista não necessariamente sentiria temor por seu paciente, também poderia sentir raiva, desejos de vingança (como Eco e Amênio) tendo que estar atento para identificar e discriminar seus sentimentos para não incorrer numa atuação.

Retomemos o diálogo:

N - Antes morrerei; que o amor nos una!

E - que o amor nos una !

Pois bem, " analista Eco", não só negou a questão da morte, como elegeu trabalhar somente sobre o domínio de Eros e do amor objetal - risco grande o de negar um lado da

realidade psíquica! (uma " desmentida" no rio da contratransferência).

Agora, pensamos que, apesar de tudo, a "analista Eco" conseguiu que o " paciente Narciso ", a visse e escutasse do lugar de um outro, o que o ameaçava de morte narcísica. Narciso resistiu como pode, fez ameaças e ataques ao vínculo, mas não podia mais voltar ao estado anterior de total indiscriminação, no seu desespero ante a dor da perda da ilusão, tentou desesperadamente ser contido por um duplo, que enquanto duplo fosse o seu complemento narcísico perdido.

Narciso ainda não estava preparado para esse encontro, ao descobrir que esse duplo estava definitivamente perdido, que não existe, desesperado, suicidar-se-ia na ânsia de novamente fundir-se às águas maternas (volta ao útero) para buscar alguma continência. Mais uma questão, é que um suicídio dessa natureza, não abarca a realidade da morte, esta também é negada uma vez que a busca é o renascer para a imortalidade.

V - RE-PENSANDO SOBRE A CLÍNICA PSICANALÍTICA.

"Todo principiante em psicanálise provavelmente se sente alarmado, de início, pelas dificuldades que lhe estão sendo reservadas quando vier a interpretar as associações do paciente e lidar com a reprodução do reprimido. Quando chega a ocasião, contudo, logo aprendi a encarar estas dificuldades como insignificantes e, ao invés, fica convencido de que as únicas dificuldades realmente sérias que tem que enfrentar residem no manejo da transferência" (22)

O manejo da transferência, reconhecida como ocupando posição central no processo analítico, constitui assim o grande desejo para o psicanalista, não só no que se refere ao paciente, como também do seu lugar, à contratransferência.

O presente trabalho, encontra-se no seio da "transferência narcísica".

Retornando a uma das minhas questões iniciais a respeito de qual seria a "clínica do Narcisismo", se não é redundante expressar-me assim, isto é, se não é a própria clínica psicanalítica, abarcando a parte psicótica dos neuróticos e a parte saudável dos psicóticos, trabalhando sempre com as partes psicóticas e não psicóticas do paciente. Fico pensando que existem diferenças na análise de um neurótico e de um psicótico, ainda que estejamos no seio de uma transferência narcísica com todas suas implicações.

O que estou planteando, é que as "resistências narcísicas" que se desenvolvem em "pacientes narcisistas", seriam diferentes das dos indivíduos de personalidade "não narcísica", (de narcisismo normal do adulto ou de regressões ao narcisismo normal infantil).

O que sem dúvida parece comum é observável em qualquer análise, é o aparecimento das ditas "resistências narcísicas" que variam em grau de intensidade quando se manifestam. Ao constatar-se sua aparição em qualquer análise, em um ou outro momento, não se está afastando da idéia de que apareceria com maior intensidade e persistência na análise das ditas "personalidades narcísicas", "border" ou psicóticas propriamente ditas. Parece-me importante pensarmos se a própria técnica não necessita ser "adaptada" para tais situações; é diferente a escuta e o nível de interpretação com um neurótico que com um psicótico; é importante que o analista esteja atento para os nuances e alterações que ocorrem na relação transferencial, não só ao longo da análise como dentro de cada sessão.

Importante notarmos, que quando falamos de uma "transferência narcísica, estamos falando de uma transferência massiva, que por sua intensidade, provoca sentimentos contratransferenciais também bastante intensos para os quais o anlista deve estar sempre atento.

Os pacientes narcisistas tendem a idealizar intensamente seus analistas, resultado da projeção maciça do ideal do ego, idealização que pode ser substituída por sentimentos de

desprezo, desdém e atitude "arrogante". Estas manifestações podem tocar em pontos fracos do analista, produzindo distúrbios contratransferenciais caso este não se dê conta de identificar, conter e trabalhar com sentimentos de frustração, desamparo, irritação, falta de entendimento analítico, dificuldade de pensar ou em contrapartida de onipotência, onisciência, grandiosidade, capacidade ilimitada...

Com tudo isso, de um lado se impõe a necessidade absoluta de um trabalho de análise do analista que dê conta de elaborar seu próprio narcisismo, para não cair assim capturado nos riscos propostos pela trama narcisista de seus pacientes, convite que suscita seus próprios "buracos" narcísicos. De outra parte, o paciente narcísico em análise, tem a possibilidade de encontrar-se com um outro e constituir-se enquanto tal a partir da relação analítica.

Dessa forma, o lugar da psicanálise é uma relação a dois, em cuja transferência não deveria ser senão uma "relação de amor" no sentido de ser sustentada pela capacidade de amar do analista, que garantindo seu amor ao paciente, lhe permite fazer os caminhos "apaixonados" de sua libido desde as fantasias infantís mais primitivas.

Assim, um lugar absolutamente pessoal e "intransferível" demarcado no aqui e agora", espaço onde atualizam-se todas as transferências.

Mas qual é o lugar do analista? Seu amor não é o amor sedutor, ele não pode satisfazer os desejos de seu paciente, nem, deixá-lo fixado além de uma dependência necessária como parte do processo. O amor do analista não é como a "paixão" da "mãe narcisista", sedutora, que deseja suprir seu filho e a si nele, e evitar sua castração, tampouco do "pai temível", punitivo que impede seu filho de identificar-se. O amor do analista, passa o tempo todo do lugar, que possibilita (porque escuta atentamente sem censura) ao que castra (porque introduz a lei, limites e proibições às quais ele mesmo está submetido). Nessa relação, a libido refaz seus caminhos até a infância, trazendo à

luz no "aqui e agora" o que não pode se expressar, dando direito ao que esteve interdito e interditando o que estava a procura de limites; o que conta é o desejo do paciente, que manifestado pode ser interpretado. Da parte do analista, o único desejo legítimo, que está presente lado a lado desde o contrato analítico e a demanda feita inicialmente pelo paciente, é de que se cure e se liberte dele.

O analista pois, oferece-se com sua "capacidade de amar", para que seu paciente possa fazer em relação a ele o que não pode fazer em relação a seus pais, discriminando-se e "aceitando" a "castração simbólica" e a existência de leis intransponíveis.

Neste momento algumas questões voltam a se interpor: analistas não são máquinas, são seres humanos com sentimentos e desejos que vinculam-se e sofrem com seus pacientes, senão tampouco seria possível analisar alguém sem uma grande dose de capacidade de empatia, sem aventar-se a discutir critérios de alta, também essa separação é algo a ser elaborado no seio da transferência, uma vez que suscita angústia e uma "doce tristeza" que nos invade quando temos que elaborar a "perda de alguma ilusão querida e inelutável"...

"A psicanálise aponta permanentemente para a desilusão, para a perda das fantasias, perda dos domínios da infância onipotente. Uma desilusão que nos coloca diante da nossa condição: somos humanos, somos mortais, somos solitários, somos incompletos". (33)

Voltemo-nos agora mais para o analista, uma vez que no trabalho analítico, põe em risco permanente o seu próprio narcisismo.

Também o analista deve ser frustrado pelo seu paciente, que não está lá para satisfazê-lo e sim para libertar-se; deve abrir mão da sua onipotência, rever suas certezas e dúvidas, considerar seus limites, suas incapacidades e capacidades, seus conhecimentos e ignorâncias; deve aceitar ser objeto de ódio e não de amor; deve considerar que algumas várias vezes as críticas de seus pacientes

possam ser justas e não sempre fruto de "confusões transferenciais".

Devemos considerar que os problemas narcisistas dos analistas refletem a mesma dinâmica que os dos pacientes.

A cisão, projeção, negação e fragmentação do ego defendem o sujeito dos sentimentos dolorosos, da diferenciação. A idealização, agressividade, onipotência, exibicionismo, impotência, fragilidade... são temas essenciais do narcisismo. O maior êxito reside no fato do trabalho analítico, enquanto possibilidade de satisfazer o narcisismo do analista, proporcionar pouco incentivo para resolvê-lo nele mesmo e nos seus pacientes. Dessa forma, não só se trata de um problema grave e difícil, como de uma perversão da proposta analítica, que se complica mais quando a transferência tem aspectos simbióticos, de gratificação mútua dos anseios narcisistas.

Assim, a reelaboração do narcisismo do analista deve ser um tema central da sua própria análise, o qual levará a níveis adequados de interação do ego, crescimento pessoal, subjetivação e capacidade analítica, para poder oferecer-se como "o outro dos outros" - parodiando C.Lispector - e atingir "a experiência maior".

Neste momento, a questão do reconhecimento da possibilidade de existência de problemas narcisistas nos analistas nem sempre em reação ao narcisismo do paciente, nos coloca diante de novas questões que remetem desde suas origens pessoais à escolha profissional e ao manejo político dentro de "agregações" no seio da comunidade analítica, semelhantes ao que Freud descreveria na "horda primitiva".

"A divisão entre o paciente e o analista - segundo a qual o paciente narcisista é tratado, hipoteticamente, por um analista melhor integrado, que possui a capacidade de relacionar-se e que, no pior dos casos, luta com "resíduos narcisistas" - pode ser uma formação reativa contra um segredo compartilhado na profissão; que os analistas também, lutam contra o narcisismo.

"... A análise pessoal pode não ser uma solução ao problema se o indivíduo narcisista descarrega e cinde sua própria agressividade sobre "bancos seguros". Grotstein (1981) se refere a este fenômeno nos seguintes termos: "se tem-se ao analista em uma posição altamente idealizada, a transferência negativa pode cindir-se e projetar-se sobre os objetos externos. A busca de "bancos seguros", pode gratificar-se com a presença de colegas de diferentes posições teóricas. A política dos institutos prevê uma saída adequada e conveniente para a agressividade. Esta mesma política proporciona gratificação à grandiosidade, ao exibicionismo e aos desejos de exercer poder e controle. A negação e a cisão da agressividade fazem que ela seja inacessível na transferência.

Defensivamente, a agressividade cindida favorece o tratamento ou os próprios sentimentos narcisistas de bondade, de idealização própria ou de grandiosidade que tem o analista; e promove a sobreestimação narcisista do "si-mesmo". O tratamento se purifica dos efeitos enodoadores da raiva e desprezo do analisando". (13)

CONCLUSÃO

Antes que um trabalho conclusivo, o que apresento foi a possibilidade de aprofundar-me um pouco mais, num mar incessante e turbulento, de interrogações e inquietações.

Neste momento, sinto-me com mais dúvidas, perguntas e angústias do que conclusões propriamente ditas.

Parece-me importante estar retornando ao discurso narcisista, suas dificuldades, implicações e riscos na relação transferencial. A análise, teria como objetivo, levar o paciente a uma relação de "amor" e não de "paixão", onde o analista estivesse sempre apto e capaz de amar, atento para não ser capturado numa transferência narcisista passional, quer seja como complementando o narcisismo do

paciente, ou o que vejo como mais grave, do seu próprio.

BIBLIOGRAFIA:

1. Aulagnier, P. - Observações sobre a Estrutura Psíquica; in: *Psicose: Uma leitura Psicanalítica*. São Paulo. Ed. Escuta Ltda., 1991.
2. Aulagnier, P. - *Les destins du plaisir*. Paris. Ed. PUF, 1989.
3. Bettelheim, B. - *Psicoanálisis de los cuentos de hadas*. Barcelona. Editorial Crítica, 1988.
4. Bleichmar, H. - *O Narcisismo*. Porto Alegre. Ed. Artes Médicas, 1987.
5. Brando, J.S. - *Mitologia Grega, Vol. I*; Petrópolis, R.J., Editora Vozes, 1991.
6. Brando, J.S. - *Mitologia Grega, Vol. II*; Petrópolis, R.J., Editora Vozes, 1991.
7. Britannica, Encyclopedia - Vol.16. Copyright, U.S.A., 1957
8. Castro, M.A. de - *Conceito de Literatura Infantil*. Rio de Janeiro. Ed. Legenda, 1983.
9. Cirlot, J.E. - *Dicionário de Símbolos*; São Paulo. Editora Moraes Ltda., 1984.
10. Cordeiro, M.A.P. - *Regressão Narcísica e Suicídio*; Revista Brasileira de Psicanálise, 15:145. 1981.
11. David, C. - *Etat Amoureux*. Paris. Payot, 1974.
12. Diccionario de la Mitologia Mundial - EDAF, Ediciones-Distribuciones, S.A., 1984.
13. Finell, J.S. - *Los Problemas Narcisistas en los Analistas*; International Journal of Psycho-Analysis. 1985.
14. Freud, S. - *Delírios e Sonhos na Gradiva de Jensen* (1907); in: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. IX*. Rio de Janeiro. Imago Editora Ltda., 1982.
15. Freud, S. - *Três ensaios sobre a Teoria da Sexualidade* (1910); in: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. VII*. Rio de Janeiro. Imago Editora Ltda., 1982.
16. Freud, S. - *Leonardo da Vinci e uma Lembrança de sua infância* (1910); in: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. XI*. Rio de Janeiro. Imago Editora Ltda., 1982.
17. Freud, S. - *A Disposição á Neurose Obsessiva - Uma Contribuição ao Problema da Escolha da Neurose* (O caso Schreber) (1911); in: *Edição Standard Brasileira das Obras*

Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. XII. Rio de Janeiro. Iamgo Editora Ltda., 1982.

18. Freud, S. - A dinâmica da Transferência (1912); in: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. XII. Rio de Janeiro. Iamgo Editora Ltda., 1982.

19. Freud, S. - Totem e Tabu (1913); in: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. XIII. Rio de Janeiro. Imago Editora Ltda., 1982.

20. Freud, S. - Sobre o Narcisismo; Uma Introdução (1914); in: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. XIX. Rio de Janeiro. Imago Editora Ltda., 1982.

21. Freud, S. - Luto e Melancolia (1915); in: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. XIX. Rio de Janeiro. Imago Editora Ltda., 1982.

22. Freud, S. - Observações sobre o Amor Transferencial (Novas Recomendações sobre a Técnica da Psicanálise III) (1915); in: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. XII. Rio de Janeiro. Imago Editora Ltda., 1982.

23. Freud, S. - O Estranho (1919); in: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. XVII. Rio de Janeiro. Imago Editora Ltda., 1982.

24. Freud, S. - Psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher (1920); in: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. XVIII. Rio de Janeiro. Imago Editora Ltda., 1982.

25. Freud, S. - Psicologia de Grupo e Análise do Ego (1921) Parte VIII - Estar Amando e hipnose; Parte XII - Pós Escrito; in: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. XVIII. Rio de Janeiro. Imago Editora Ltda., 1982.

26. Freud, S. - O Ego e o Id (1923); in: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. XIX. Rio de Janeiro. Imago Editora Ltda., 1982.

27. Freud, S. - Fetichismo (1938); in: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. XXII. Rio de Janeiro. Imago Editora Ltda., 1982.

28. Freud, S. - Esboço de Psicanálise (1940); in: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. XXIII. Rio de Janeiro. Imago Editora Ltda., 1982.

29. Gide, A. - O Tratado de Narciso. São Paulo. Flumen Livres e Editores Ltda., 1984.

30. Graves, R. - Los Mitos Griegos. Ed. Losada.

31. Green, A. - Narcisismo de Vida, Narcisismo de Morte. São Paulo. Ed. Escuta, 1988.

32. Humbert, J. - Mitologia Grega Y Romana. Barcelona. Editorial Gustavo Gili S.A., 1984.

33. Kehl, M.R. - A Psicanálise e o Domínio das paixões; Os Sentidos da Paixão. So Paulo. Ed. Schwarcz, 1987.

34. Lacan, J. - " El estadio del espejo como formador del yo ("je") tal como se nos revela en la experiencia psicoanalítica". México. Siglo XXI Editores S.A., 1979.

35. Laplanche, J. e Pontalis, J.B. - Vocabulário de Psicanálise. São Paulo. Ed. Martins Fontes, 6ª Edição.

36. Lebrun, G. - O conceito de Paixão; Os Sentidos da paixão. São Paulo. Ed. Schwarcz, 1987.

37. Leminski, P. - Poesia: a paixão na linguagem; in: Os Sentidos das Paixões. São Paulo. Ed. Schwarcz Ltda., 1987.

38. Lichtmann, A. - " Del Narcisismo a la pulsion de muerte"; Revista Psicoanalítica Argentina, tomo XLVI, nº2/3. Buenos Aires, 1989.

39. Lispector, C. - Para não esquecer. São Paulo. Ed. Atica S.A., 1984.

40. Martins, L.R. - O Dom de Édipo; Os Sentidos da Paixão. São Paulo. Ed. Schwarcz, 1987.

41. Mayer, H. - Volver a Freud. Buenos Aires. Editorial Paidós, 1989.

42. Mc. Dougall, J. - Narciso a Procura de uma nascente; Em defesa de uma certa anormalidade. Porto Alegre. Ed. Artes Médicas, 1987.

43. Morales de Belnicoff, M.B. y Arce, E.L. - " Desarrollo del concepto de Narcisismo en la obra de Freud"; Seminario del Dr. Juan Carlos Suarez. Buenos Aires, 1982.

44. Nunes, B. - A Paixão de Clarice Lispector; in: Os Sentidos das Paixões. São Paulo. Ed. Schwarcz Ltda, 1987.

45. Ovídio - Metamorfosis III. Ed. Bruguera.

46. Pellegrino, H. - Édipo e a Paixão; Os Sentidos da Paixão. São Paulo. Ed. Schwarcz, 1987.

47. Pesanha, J.A.M. - Platão: as várias faces do amor; in: Os Sentidos das Paixões. São Paulo. Ed. Schwarcz Ltda, 1987.

48. Platão - O Banquete; in: Os Pensadores. Ed. Abril.

49. Raggio, E.G. - Sobre la escisión del yo. Reflexiones sobre una tercera tópica freudiana; Revista Psicoanalítica Argentina, tomo XLVI, nº 2/3. Buenos Aires, 1989.

50. Rezze, C.J.; Alves, D.B.; Forlenza Neto, O.; Nogueira, P.O. - Narcisismo; Revista Brasileira de Psicanálise, 11:299, 1977.

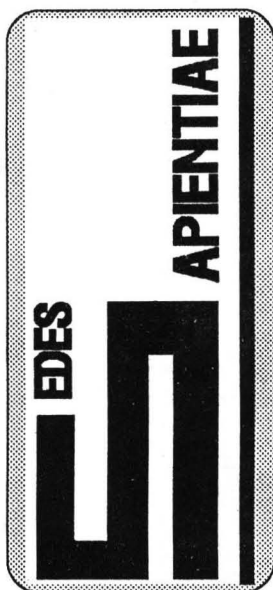
51. Rouanet, S.P. - Razão e Paixão; in: Os Sentidos das Paixões. São Paulo. Ed. Schwarcz Ltda., 1987.

52. Saldanha, M.A.B. - Paixão e Narcisismo; Comunicado a S.P. R.J.

53. Vispo, C.A. y Martinez Ibanez, J.J. - El Narcisismo en el proceso clínico; Revista de la Asociación Psicoanalítica de Buenos Aires, Vol. XII, nº 2/3, 1990.

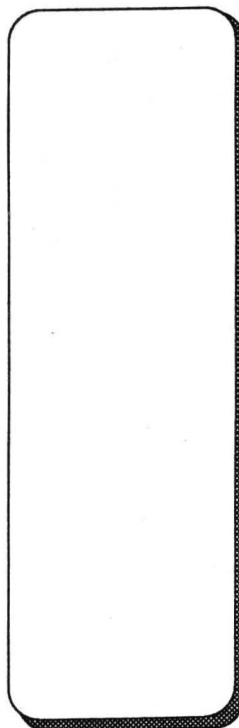
54. Wilde, O. - El discípulo.

55. Winnicott, D.W. - " O Papel do Espelho da Mãe e da Família no Desenvolvimento Infantil"; in: " O Brincar e a Realidade". Rio de Janeiro. Iamgo Editora Ltda., 1975.



R. Ministro Godoy, 1484
05015 - 001 Perdizes - São Paulo - SP

**BOLETIM
FORMAÇÃO EM PSICANÁLISE
ANO I - VOLUME III
AGOSTO/SETEMBRO 92**



IMPRESSO

